

Nº 613 • JAN'26 • €1,50

# R E V I S T A D A A R M A D A



**INICIATIVA MAR ABERTO**  
2025





## CURIOSIDADES

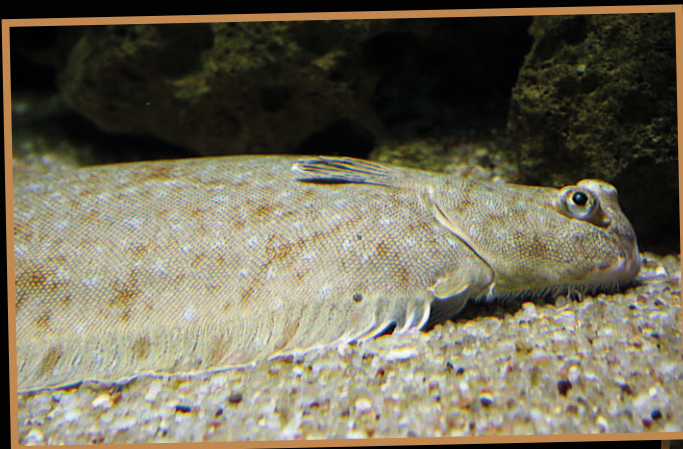
## SABIA QUE HÁ PEIXES QUE VIVEM DEITADOS?

Há um grupo de peixes como as solhas, os linguados e o pregado que nascem com simetria bilateral, ou seja, iguais à maioria dos outros peixes, e com um olho de cada lado da cabeça.

Ao crescer, um dos olhos migra ao longo do crânio para junto do outro. Em algumas espécies, é o olho direito que se move enquanto que noutras é o esquerdo. Uma vez terminado este movimento, estes peixes "deitam-se" sobre o fundo adotando hábitos bentónicos.

Por último, o lado que fica para baixo toma uma tonalidade pálida enquanto que a face superior adota uma camuflagem próxima dos tons de areia.

*Colaboração do Aquário Vasco da Gama*



Fotos Aquário Vasco da Gama





# SUMÁRIO

- 02 Curiosidades
- 04 Navegando pela palavra...  
Silêncio (1)
- 06 Tomadas de Posse | Entregas de Comando
- 16 Guerra no Pacífico – O Fio da Memória
- 21 Gentes, Monumentos e Acontecimentos (13)
- 25 Marinha e Direção-Geral de Recursos Naturais,  
Segurança e Serviços Marítimos  
Assinatura de Protocolo
- 26 Marinha e INEM  
Protocolo de Colaboração  
| Agenda Cultural
- 27 Passagem à Reserva de Disponibilidade  
Valorização do serviço prestado por militares  
do regime de contrato
- 28 Convívios e Encontros
- 30 Renovadas Histórias da Botica ~ 88
- 31 Núcleo de Radioamadores da Armada
- 32 Vigia da História ~ 150
- 33 Quarto de Folga
- 34 Notícias Pessoais
- 35 Memórias do Tejo
- CC Naus de Pedra em Lisboa

## DESTAQUES

- 10 Iniciativa Mar Aberto  
2025
- 13 NRP *D. Carlos I*  
Missão Multidisciplinar
- 17 20 anos ao serviço das Radiocomunicações Navais  
CCDCM

Capa  
Iniciativa Mar Aberto  
2025  
Foto Unidade X31

### Diretor

CALM AN Nelson Alves Domingos

### Subdiretora

CFR TSN – COM Ana Alexandra Gago de Brito

### Designer Gráfico

STEN TSN (DSG) Mariana Gonçalves Lage

### Secretário da Redação

SAJ L Aída Margarida Leigo

### Administração, Redação e Edição

Revista da Armada – Edifício das Instalações  
Centrais de Marinha – Rua do Arsenal  
1149 – 001 Lisboa – Portugal  
Telef. +351 211 593 251

### Redação

[revista.armada@marinha.pt](mailto:revista.armada@marinha.pt)

### Secretaria/Assinaturas

[ra.secretaria@marinha.pt](mailto:ra.secretaria@marinha.pt)  
Telef. +351 211 593 251

### Estatuto Editorial

[www.marinha.pt/pt/Serviços/Paginas/  
revista-armada.aspx](http://www.marinha.pt/pt/Serviços/Paginas/revista-armada.aspx)

### Paginação eletrónica e produção

AVCprint – Artes Gráficas  
Rua dos Juncas n.º 2-A  
2665-241 Malveira  
Telef. +351 219 750 561  
(Chamada para rede fixa nacional)

### Publicação Oficial da Marinha

Periodicidade mensal  
N.º 613 / Ano LV  
Janeiro 2026

### Tiragem média mensal

3250 exemplares

### Revista registada na ERC

Registo n.º 127719  
Depósito legal n.º 55737/92  
ISSN 0870-9343

### Propriedade

Marinha Portuguesa  
NIPC 600012662



REVISTA DA  
**ARMADA**



## NAVEGANDO PELA PALAVRA...

*Silêncio*

**«Durante milhares de anos, indivíduos que viam na solidão, sem ninguém à sua roda – tais como monges no alto das montanhas, eremitas, marinheiros, pastores e exploradores de regresso a casa – estavam profundamente convictos de que a resposta aos mistérios da vida se pode encontrar no silêncio. É precisamente esse o ponto. Navegamos, atravessando todo o oceano, mas é quando regressamos a casa que podemos descobrir que aquilo que procurávamos, na verdade, reside no nosso interior.»**

Erling Kagge, *Silêncio na Era do Ruído*

Vivemos atualmente nos antípodas do silêncio. Exterior e interior. «Tal como há uma miríade de solidões, há uma miríade de silêncios», diz-nos o filósofo Frédéric Gros. São, no entanto, poucos os lugares a salvo da ditadura imposta pelo ruído. Sonoro e visual. Digital. Face às alterações ditadas pela tecnologia, são escassas as “ilhas” onde ainda podemos usufruir do prístino silêncio. Em breve submersas pelo *tsunami* do ruído. Coagidos pelo frenesi tecnológico, muitos abdicaram do silêncio interior. Definitivamente. Não antecipáveis, são as consequências para a (sobre)vivência no plano espiritual, ao qual todos nos encontramos conectados.

O silêncio é também o *habitat* natural da oração. Formal ou espontânea. Tolentino Mendonça enfatiza que «os nossos sentidos espirituais abrem-se e maturam melhor no silêncio». Estão calibrados para o silêncio. É a frequência do respetivo diapasão. O silêncio interior constitui a sua referência vital. É o norte cardeal da alma humana. Sem o silêncio falha-nos o vento, o sopro de luz que nos permite navegar. E sem ele também não discernimos o rumo, o eco luminoso que otimiza a navegação. Privados do silêncio interior, ficamos duplamente à deriva. Sem vento e sem rumo. Cegos e surdos. Cingidos à nossa zona de conforto. Recusamo-nos a ver e a ouvir. Como tão bem entoa o Paulo Gonzo, ainda que noutra registo, nesse quadro apenas temos como certos «naufrágios, ventos, desastres, temporal».

Na sua clarividência, Abba Poemen (340-450), um dos primeiros padres do deserto, dizia que «se fores realmente silencioso, em qualquer lugar onde estiveres encontrarás repouso».

Para Henry David Thoreau (1817-1862), «a alma humana é uma harpa silenciosa na orquestra de Deus. Só o silêncio

é digno de ser ouvido». A alma transcende-se na exaltação do nada. Está em casa. Respira. Nesse deserto aparente, «o infinito revela-se, e o silêncio participa dessa revelação, primeiro como tradução do vazamento, da desmaterialização do mundo, depois como acesso paradoxal, oximórico, e enfim misterioso, a esse infinito de mistério. A alma banha-se nos inefáveis acordes do eterno silêncio. Cada grão de areia tem a sua voz». O silêncio constitui a voz e a língua da alma. É através do silêncio que as almas comunicam. Entendem-se. Fundem-se. Tornam-se unas. Indivisíveis e inseparáveis.

«Ama o silêncio acima de todas as coisas; ele concede-te um fruto que à língua é impossível de descrever», recomendava Isaac de Nínive (c. 613-c. 700). Ao contrário do silêncio que tudo abarca – do nada ao infinito – a palavra tem os seus limites, que a cerceiam. Pela impossibilidade de serem descritos, os sentimentos encontram-se vedados à palavra. Franqueados ao verbo. O silêncio fortalece o vínculo com o transcendente. Para Inácio de Loyola (1491-1556), «Deus preenche, Deus conduz, Deus leva a cabo a sua obra, e tudo isso não pode fazer-se senão no silêncio que se estabelece entre o Criador e a criatura». É pelo silêncio «que se abeira do seu Criador e Senhor e que o alcança». Em cada alma o silêncio interior é único. Singular. E angular. É a sua impressão digital.

O silêncio é também terapêutico. E profilático. Para a mente e para a alma. Existe uma forte correlação entre a ausência de silêncio e as crises de ansiedade, o sentimento de insegurança, o baixo nível de auto-estima e os sentimentos negativos. O silêncio é igualmente santuário da prudência. Da coerência e da virtude. Nutre a mente e ilumina a alma. Na sua ausência, a mente definha e a alma escurece.

A monja Kankyô Tannier relembra que, «dentro e fora das nossas casas, na cidade como no campo, estamos presos nas malhas de uma rede invisível: a dos ecrãs de todo o género. O paradoxo é que somos, ao mesmo tempo, a mosca e a aranha: prisioneiros voluntários de uma teia que nós próprios criamos ou que, pelo menos, contribuímos alegremente para financiar». Privadas do silêncio, são cada vez menos as pessoas que têm contacto com o seu íntimo. Com o âmago do ser em que encarnam. Vivem à flor da pele. Sem profundidade. Vegetam pela epiderme.

Das suas deambulações, Erling Kagge diz que «a natureza falava comigo através do silêncio. Quanto mais silencioso eu ficava, mais ouvia». É o silêncio como sinónimo de limpidez. Desaferralha os sentidos. Um portal.





Contrariamente ao que normalmente sucede nos filmes de ficção científica, o som não se propaga no vácuo. O vácuo é sinónimo do silêncio absoluto. Quando em 1968 Stanley Kubrick (1928-1999) rodou *2001, Uma Odisseia no Espaço*, com base no guião de Arthur C. Clarke (1917-2008), esse aspeto não lhe passaria despercebido. Nas cenas onde poderiam tornar-se fastidiosos os silêncios mais dilatados, optou por preenchê-las com obras de Richard Strauss (1864-1949), Johann Strauss (1825-1899), Aram Khachaturian (1903-1978) e György Ligeti (1923-2006). Imortalizaram-se mutuamente. O filme e as obras. O silêncio e a música. Sinónimos ocultos.

O filósofo e teólogo Søren Kierkegaard (1813-1855) confessou que *«à medida que as minhas orações se tornavam mais focadas e íntimas, eu tinha cada vez menos a dizer. Fiquei, por fim, completamente em silêncio... como deve ser. Orar não significa ouvir-me falar. É permanecer em silêncio. Estar em silêncio e aguardar que Deus seja ouvido»*. Onde Ele reside.

Inspirada nos retiros espirituais de silêncio, que há milhares de anos são praticados em contexto religioso, existe atualmente uma indústria consagrada aos "centros de silêncio". Refúgios para as almas. É a resposta à busca, ou melhor, à tentativa de as pessoas reencontrarem o silêncio perdido. Quebrado o sacro elo, a maior parte nunca mais volta a reencontrar o precioso silêncio interior. Dele guardam uma memória evanescente. Nada!

No retiro da Quaresma em 2006, o cardeal Joseph Ratzinger (1927-2022) partilhou, com o Papa João Paulo II (1920-2005) e os membros da Cúria Romana, um conjunto de meditações e exercícios espirituais. Entre eles, encontrava-se uma fórmula para erradicar as dependências que ameaçam a vida espiritual. E social. Na sua douta opinião, *«as grandes coisas começam, no silêncio, na pobreza»*. Que são, por definição, lugares do jejum. *«Sem jejum, nunca escorraçaremos, de modo nenhum, certos demónios do nosso tempo. O deserto é o lugar do silêncio, da solidão; o afastamento das vicissitudes quotidianas, do barulho e da superficialidade. O deserto é o lugar do absoluto, o lugar da liberdade que põe o homem diante das suas últimas questões. Não é por acaso que o deserto é o lugar onde começa o monoteísmo. Neste sentido, ele é lugar da graça»*.

Simone Weil (1909-1943) não se cansava de repetir que *«não há felicidade que se compare ao silêncio interior»*. Com graça, Nicolas de Chamfort (1741-1794) preferia sublinhar que *«de todos os que não têm nada a dizer, os mais agradáveis são os que o fazem em silêncio»*.

A nossa maior dificuldade reside na crónica falta de coragem para abraçar esse jejum. Para nos perdermos no deserto que nos resgata a alma. No silêncio. Retirando-nos da zona de conforto, ficamos privados das crescentes doses de recompensa instantânea. Insaciáveis pela dopamina. Afogados no charco das irrelevâncias. Para Aldous Huxley (1894-1963), toda a atividade virtual serve um único propósito: *«prevenir a vontade de obter silêncio»*. O silêncio é a luz que ilumina a peregrinação interior. Sem o silêncio não nos é possível discernir os escolhos que polvilham o caminho. O silêncio permite o contacto com a interioridade absoluta da alma. Prepara-nos para a eternidade e relembra-nos o óbvio. Que a vida é um sonho. Um sopro.

Em determinadas circunstâncias, o silêncio também se pode revelar ensurdecedor, como canta a dupla Paul Simon e Art(hur) Garfunkel. Há mais de 60 anos. Paul Simon contava apenas 21 anos de idade quando lhe foi soprada inspiração para compor o intemporal *The Sound of Silence*, paradoxal metáfora que alude à crescente incapacidade de as pessoas comunicarem. Ao mesmo tempo que receiam não ser escutadas. Num apelo à introspeção, John Cage (1912-1992) compôs o tema *4m 33s*. De puro silêncio!

***«O enviesamento é um erro que podemos muitas vezes ver, e até explicar. Por outro lado, o ruído é um erro imprevisível que não podemos ver ou explicar com facilidade. É por isso que o negligenciamos tantas vezes – mesmo quando provoca sérios danos. O nível atual de ruído é inaceitável e está presente em todas as nossas decisões, individuais ou coletivas. Por este motivo, as estratégias de redução de ruído estão para a remoção de enviesamento assim como as medidas de higiene preventiva estão para o tratamento médico: o objetivo é prevenir uma gama indeterminada de potenciais erros antes que eles ocorram.»***

Daniel Kahneman, *Ruído*



António Manuel Gonçalves

CFR

Antigo Comandante do NRP Sagres (2015-2017)





## TOMADAS DE POSSE | ENTREGAS DE COMANDO

## SUPERINTENDENTE DO PESSOAL

No passado dia 30 de julho, o CALM Rodrigues Pinto tomou posse do cargo de Superintendente do Pessoal (SP), numa cerimónia realizada na Casa da Balança e presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), Almirante Jorge Nobre de Sousa.

A cerimónia contou com a presença de várias entidades e representantes das unidades, estabelecimentos e órgãos na dependência da Superintendência do Pessoal e dos restantes setores da Marinha, iniciou-se com a leitura do louvor e imposição da Medalha Militar da Cruz Naval de 1ª classe ao Superintendente cessante, VALM Proença Mendes.

No seu discurso de tomada de posse, o CALM Rodrigues Pinto começou por manifestar estar ciente da dimensão do desafio, abrangência e complexidade que o cargo de SP encerra, em particular num contexto de grande exigência, onde a escassez de recursos e os condicionamentos de natureza administrativo-legal limitam a flexibilidade, impõem constrangimentos na resposta rápida a necessidades específicas e exigem abordagens integradas e inovadoras que combinem tecnologia com a ação das pessoas.

Nesse sentido, mencionou ainda que apesar da conjuntura desafiante e da crescente sofisticação dos diversos sistemas e plataformas tecnológicas disponíveis, as pessoas continuam a ser o verdadeiro elemento diferenciador na criação de valor na Marinha.



Foto: STEN TM (DSO) Eva Ferreira

Ao tomar a palavra, o Almirante CEMA e AMN expressou publicamente o seu reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo anterior SP, destacando a sua dedicação exemplar, competência amplamente reconhecida e elevado espírito de missão. Sublinhou ainda as suas prioridades estratégicas para o setor do pessoal, destacando a importância da motivação e valorização de todos os que servem o país na Marinha, da conciliação entre a vida profissional e a vida pessoal e familiar, e do reforço dos mecanismos de apoio assistencial e social, com especial atenção às unidades operacionais, sublinhando que esses são fatores essenciais para garantir a atratividade da Marinha, tanto no recrutamento como na retenção das pessoas.



Colaboração da **SUPERINTENDÊNCIA DO PESSOAL**

## SÍNTESE CURRICULAR

O VALM José Rafael Ferreira de Oliveira Rodrigues Pinto nasceu na Póvoa de Varzim em 26 de janeiro de 1966, tendo ingressado na Escola Naval em outubro de 1985.

Após a conclusão da Licenciatura em Ciências Militares Navais – Classe de Marinha, foi promovido a Guarda-Marinha em outubro de 1990 e ao atual posto em julho de 2025.

Dos vários cargos assumidos e funções desempenhadas destacam-se:

No mar, foi oficial imediato do NRP *Save*, Comandante do NRP *Rio Minho*, Oficial de Ação Tática e Chefe do Serviço de Comunicações e Guerra Eletrónica dos NRP *Sacadura Cabral* e NRP *Hermenegildo Capelo*, Oficial Imediato e Oficial de Operações do NRP *Baptista de Andrade* e Comandante do NRP *Baptista de Andrade*.

Em terra, foi ajudante-de-campo do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, oficial da Divisão de Operações do Estado-Maior do Comando Naval, assessor militar do Presidente da República, conselheiro militar na Delegação Portu-

guesa junto da NATO, Chefe da Divisão de Operações do Estado-Maior do Comando Naval e Diretor do Centro de Operações Marítimas (COMAR), Chefe das Repartições de Gestão de Pessoal e de Nomeações e Colocações da Direção de Pessoal, Chefe da Divisão de Operações do EMA, Chefe do Gabinete do Superintendente do Pessoal, Chefe da Divisão de Planeamento Estratégico Militar do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Comandante da Zona Marítima dos Açores, Chefe do Departamento Marítimo dos Açores, Comandante Regional da Polícia Marítima dos Açores, Diretor do Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada (MRCC Delgada), *Deputy Chief of Staff for Plans* no *Allied Maritime Command* (MARCOM), Comandante da Flotilha e, por inerência de funções, 2º Comandante Naval.

Da sua folha de serviço constam vários louvores e condecorações, de que se salienta os agradecimentos com o grau de Comendador da Ordem Militar de Avis e com a NATO *Meritorious Service Medal*, concedida pelo Secretário-Geral da Aliança Atlântica.





## COMANDANTE DA FLOTILHA

No dia 29 de julho de 2025, o CALM João Paulo Silva Pereira tomou posse como Comandante da Flotilha, sucedendo ao CALM José Rafael Ferreira de Oliveira Rodrigues Pinto. A cerimónia teve lugar na Base Naval de Lisboa e foi presidida pelo Comandante Naval, VALM José Rafael Salvado de Figueiredo.

Durante a cerimónia, o Comandante Naval enalteceu o trabalho realizado pelo Comandante cessante e sublinhou a importância estratégica da Flotilha. Incentivou o novo Comandante a promover a dinamização da unidade, assegurando elevados padrões de prontidão operacional e a eficaz sustentação das atividades da esquadra. Expressou ainda, de forma pública, o seu reconhecimento e apreço por todos os homens e mulheres que servem nesta unidade com elevado sentido de dever e exemplar profissionalismo.

O Comandante Naval destacou ainda a vasta experiência do novo Comandante da Flotilha, fruto dos diversos e exigentes cargos que desempenhou no âmbito do Comando Naval. Sublinhou “a sua competência, capacidade de liderança, determinação e profundo conhecimento do mar e das operações navais”, atributos que considera essenciais para o exercício das novas funções.



Enquanto órgão de base da Marinha, a Flotilha tem como missão principal o aprontamento, a sustentação e o apoio logístico e administrativo às forças, unidades e destacamentos operacionais. Compete-lhe igualmente prestar apoio às esquadilhas e agrupamentos, contribuindo para o cumprimento eficaz das respetivas missões.



Colaboração da **FLOTILHA**

## SÍNTESE CURRICULAR

O CALM João Paulo Silva Pereira nasceu a 27 de janeiro de 1967 e ingressou na Escola Naval (EN) em 1986, tendo-se formado em Ciências Militares Navais – Ramo Marinha em 1991.

Especializou-se em Navegação e possui, entre outros, o *Maritime Warfare Course*, o *NATO Comprehensive Operational Planning Course*, o Curso Geral Naval de Guerra, o Curso de Promoção a Oficial General, e o Mestrado em *International Relations and World Order*, da Universidade de Leicester, Reino Unido.

Esteve embarcado em várias unidades navais, tendo comandado o NRP *Corte Real*. Exerceu as funções de Oficial Imediato do NRP *Álvares Cabral*, Chefe do Serviço de Navegação do NRP *Corte Real*, Oficial Navegador do Estado-Maior da Força Naval Portuguesa e *Staff Navigation Officer* da SNFL 2001/2002. Participou em vários exercícios e operações reais, tais como a *Sharp Guard* no Mar Adriático, evacuação de não-combatentes na Guiné-Bissau, *Active Endeavour* no Mar Mediterrâneo e Atalanta no Oceano Índico. Foi ainda Comandante

da Força Naval Portuguesa e, entre janeiro e março de 2022, comandou a Força Naval da Operação Atalanta.

Em terra, desempenhou funções de Instrutor de Navegação na EN, Chefe do Gabinete de Navegação do CITAN, Chefe do Departamento de Treino e Avaliação da Flotilha e *Portuguese Liaison Officer* (PLO) ao *Flag Officer Sea Training* (FOST), Assessor militar do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, *Staff Officer Operational Planning* no Comando Marítimo Aliado (MARCOM) da OTAN em Northwood, no Reino Unido, Comandante da Esquadilha de Navios de Superfície, Chefe do Estado-Maior do Comando Naval, Chefe do Centro de Informações e Segurança Militares (CISMIL) do EMGFA, e mais recentemente, Subchefe do Estado-Maior da Armada. Em julho de 2025 assumiu as funções de Comandante da Flotilha e, por inerência, 2º Comandante Naval.

Da sua folha de serviços constam vários louvores e condecorações.



## DIRETOR DE INFRAESTRUTURAS

**P**residida pelo Superintendente do Material, VALM Fernando Jorge Pires, tomou posse em 2 de setembro de 2025 como Diretor de Infraestruturas (DI), o COM José António de Brito Pereira Cavaco. A cerimónia, realizada no Salão Nobre da Direção-Geral da Autoridade Marítima, contou com a presença de ilustres convidados dos vários setores da Marinha, guarnição da Direção de Infraestruturas (DI) e de diversos convidados militarizados e civis.

Na sua alocução, o COM Pereira Cavaco começou por expressar a elevada honra e satisfação que sente pela confiança em si depositada para o desempenho das funções de Diretor de Infraestruturas. Cargo de elevada responsabilidade, e inequivocamente desafiante, face às múltiplas e diversas variáveis, algumas claramente adversas, que se verificam na vertente da manutenção, requalificação ou até mesmo na reedificação do vasto acervo patrimonial da Marinha.

Das diversas competências adstritas à DI, salientou, face à particular relevância das mesmas, o assegurar do planeamento, coordenação, controlo e fiscalização técnica e económica das atividades a realizar no âmbito da conceção, edificação, manutenção e demolição das infraestruturas afetas à Marinha, assim como a participação em processos relativos à manutenção e fiscalização de infraestruturas de utilização pela NATO. Para esse efeito, entre outros fatores, considerou ser de elevada importância a necessidade da promoção interna do robustecimento e otimização das áreas da arquitetura e engenharia no domínio das infraestruturas, da capacidade de execução das tarefas administrativas inerentes ao desenvolvimento dos procedimentos de contratação pública assim como da capacidade de apoio à realização de ações de manutenção de segundo escalão de conservação e restauro nas infraestruturas das UEO.

Ao dirigir-se à guarnição da DI, referiu que foi possível constatar que a unidade é guardada por um núcleo de militares e civis dedicados, de inegável capacidade técnica, cujo crescente e notório desempenho é traduzido pelo presente número de empregadas em curso assim como por um ainda superior número de projetos de engenharia em fase de preparação.

O Superintendente do Material, VALM Fernando Jorge Pires, ao usar da palavra, salientou o excelente trabalho desenvolvido pelo Diretor cessante, CALM Marques da Costa, e traçou as suas principais prioridades para a DI. Nesse âmbito, elencou o apoio à componente operacional, nomeadamente a intervenção infraestrutural na BNL e a colaboração no estudo da criação de pontos de apoio naval, ou bases, no território continental e ilhas, o investimento na melhoria das condições de alojamento e bem-estar na zona metropolitana de Lisboa, e por último, a necessidade de manutenção do vasto acervo patrimonial da Marinha.



Colaboração da **DIREÇÃO DE INFRAESTRUTURAS**

## SÍNTESE CURRICULAR

O COM José António de Brito Pereira Cavaco nasceu em 01 de março de 1968 em Angola. Em 1987 alistou-se como cadete na Escola Naval, tendo concluído a Licenciatura em Ciências Militares Navais, Ramo de Mecânica, em 1992. Foi promovido a Guarda-marinha em outubro de 1992 e a Comodoro em agosto de 2025.

No mar, exerceu cargos no Serviço de Máquinas e de Limitação de Avarias tanto a bordo do reabastecedor NRP *Bérrio*, entre 1993 e 1996, assim como a chefia desse mesmo serviço a bordo do NRP *Sagres*, entre 1998 e 2002.

Em terra, na Direção de Navios desempenhou o cargo de Chefe do Gabinete de Coordenação dos Navios Veleiros e Auxiliares (1996/98), no ex-Grupo N° 1 de Escolas da Armada desempenhou os cargos de Chefe de Gabinete de Formação e de Subdiretor da Escola de Máquinas (2003/04), Chefe do Depar-

tamento de Propulsão e Energia da Escola de Tecnologias Navais (2004/08), Oficial do Estado-Maior da Armada (2008/12), Chefe do Serviço de Infraestruturas e de Transportes do Instituto Hidrográfico (2012/16), Chefe do Serviço de Manutenção do Instituto de Socorros a Náufragos (2016), Subdiretor da Direção de Faróis (2016/18), e Chefe do Departamento de Coordenação e Controlo da Direção de Navios (2018/24).

A sua formação complementar inclui uma Licenciatura em Engenharia Mecânica – Frio, Climatização e Ventilação Industrial, o Curso Geral Naval de Guerra e o Curso de Promoção a Oficial General.

Da sua folha de serviços constam diversos louvores individuais, tendo sido agraciado com várias medalhas militares, incluindo a medalha da Ordem Militar de Avis, grau Comendador.





## DIRETOR DE CONTABILIDADE E OPERAÇÕES FINANCEIRAS

No passado dia 3 de outubro de 2025, tomou posse como Diretor de Contabilidade e Operações Financeiras (DCOF) o CMG AN Santos Esteves, numa cerimónia realizada no Salão Nobre “VALM Alfredo de Oliveira” da Superintendência das Finanças, presidida pelo então Superintendente das Finanças CALM AN António Pires, tendo contado com a presença de vários representantes das unidades, estabelecimentos e órgãos dos vários setores da Marinha.

A cerimónia iniciou-se com a leitura do louvor e imposição da Medalha Militar da Cruz Naval de 1ª Classe ao Diretor cessante, CMG AN Nogueira Paiva.

No seu discurso de tomada de posse, o CMG AN Santos Esteves deu ênfase à importância de garantir uma gestão eficiente, rigorosa e transparente, tendo como desiderato a persecução dos objetivos estratégicos delineados, destacando que neste âmbito a DCOF desempenha um papel fulcral, através da realização das operações financeiras e contabilísticas centralizadas, do cumprimento das obrigações fiscais da Marinha, e assegurando o processamento, liquidação e pagamento dos vencimentos e outros abonos a todo o pessoal da Marinha.

Relevou ainda dar continuidade ao trabalho desenvolvido, em particular, acompanhar e colaborar na implementação das recomendações constantes do relatório nº 11/2020 do Tribunal de Contas resultante da auditoria financeira realizada à gerência de 2018 da Marinha, incrementar a eficiência e eficácia do sistema de controlo interno do processamento de vencimentos e abonos, fomentar a cooperação institucional intersectorial e apostar na transformação digital dos processos.



Foto: SCHA Ferreira Dias

Finalizou, dirigindo-se à guarnição da DCOF, afirmando que são o corpo e alma da Direção, incentivando-os a continuar a servir com profissionalismo e dedicação, tendo sempre presente o cumprimento da missão.

O CALM SF tomou de seguida a palavra, tendo referido que a nomeação do CMG AN Santos Esteves para o cargo de Diretor de Contabilidade e Operações Financeiras é prova inequívoca das capacidades técnicas, das aptidões e do mérito demonstrados ao longo de uma carreira a que se tem dedicado com profissionalismo e competência, sublinhando que a atuação da DCOF é essencial para o cumprimento das orientações estratégicas que envolvem a administração financeira da Marinha, destacando as prioridades associadas à exigência e complexidade dos desafios que acompanham o exercício pleno das responsabilidades do cargo.



Colaboração da **DIREÇÃO DE CONTABILIDADE E OPERAÇÕES FINANCEIRAS**

## SÍNTESE CURRICULAR

O CMG António Rui Henriques dos Santos Esteves alistou-se na Escola Naval em outubro de 1988, tendo concluído em 1993 a Licenciatura em Ciências Militares Navais – Ramo de Administração Naval.

Após a promoção a Guarda-marinha, prestou serviço a bordo do NRP *Sagres*, como Adjunto do Chefe do Serviço de Abastecimento, no NRP *João Coutinho* e no NRP *Bérrio*, onde desempenhou as funções de Chefe do Serviço de Abastecimento e Secretário do Conselho Administrativo.

No período de outubro de 1997 a outubro de 2000 prestou serviço no Comando da Zona Marítima dos Açores e no Departamento Marítimo dos Açores, onde desempenhou as funções de Chefe do Serviço Administrativo e Financeiro, Secretário do Conselho Administrativo, Chefe do Depósito Central Territorial (Direção de Abastecimento), Diretor da Messe de Oficiais e Diretor da Messe de Sargentos.

Desde outubro de 2000 até setembro de 2004 prestou serviço na Chefia do Apoio Administrativo e Financeiro, tendo desempe-

nhado os cargos de Chefe da Secção de Registo de Dados, Chefe da Repartição de Vencimentos e Abonos e Chefe da Repartição de Administração e Património.

No período de setembro de 2004 a julho de 2011 foi o responsável pela área logística da Missão de Construção dos Submarinos. Regressado à Marinha, desempenhou na área funcional do material as funções de Chefe da Divisão Operacional e Técnica da Direção de Abastecimento, Assessor Financeiro do Superintendente do Material e Subdiretor de Abastecimento, até janeiro de 2022.

Na área funcional das finanças, exerceu o cargo de Chefe do Gabinete do Superintendente das Finanças e Diretor da Administração Financeira, até outubro de 2024.

O CMG Santos Esteves é licenciado em Organização e Administração de Empresas, possui o *Master Business Administration*, o Curso Geral Naval de Guerra pelo Instituto Superior Naval de Guerra e o Curso de Promoção a Oficial General, é Auditor Nacional de Defesa e frequentou diversos cursos de formação no âmbito operacional e técnico.

# INICIATIVA MAR ABERTO

## 2025

Entre abril e agosto de 2025, o Navio Patrulha Oceânico (NPO) *Sines* efetuou a missão **Iniciativa Mar Aberto 2025.1** (IMA 25.1), totalizando 138 dias em operação ao longo da costa ocidental de África e da República de Moçambique. Com uma guarnição de 56 militares, o navio percorreu cerca de 21.200 milhas náuticas, efetuando escala em 11 países, num total de 15 portos, nos quais realizou ações de cooperação no domínio da defesa, diplomacia naval e reforço da presença nacional em zonas de interesse estratégico para Portugal e para a União Europeia.

### CONTEXTO ESTRATÉGICO

Iniciada em 2008, a **Iniciativa Mar Aberto** veio ao encontro de objetivos específicos no quadro da Política Externa e de Defesa Nacional, destacando-se entre outros, a necessidade da resposta do Estado português à crescente instabilidade marítima no Golfo da Guiné (GdG). Esta região, é reconhecida como uma das mais relevantes para o comércio marítimo internacional, não só pela sua posição geoestratégica, mas também pela concentração de ameaças transnacionais, como a pirataria, o tráfico ilícito e a pesca ilegal.

Cumulativamente, face a estes desafios globais e que afetam vários atores, a União Europeia não tardou em considerar o GdG como uma zona prioritária de atuação no quadro das Presenças Marítimas Coordenadas (PMC-UE), estabelecendo uma estratégia marítima à qual Portugal, tem dado um contributo constante, visível e credível através dos meios da Marinha Portuguesa.

### O DECORRER DA MISSÃO

O NRP *Sines* iniciou a sua missão a 14 de abril, tendo, durante os mais de quatro meses de missão, promovido múltiplas ações de formação, treino conjunto e diplomacia naval, com destaque para as atividades realizadas nos países da CPLP.

Das várias atividades realizadas, destacam-se a participação no exercício OBANGAME EXPRESS 2025 (OE25), a fiscalização conjunta que decorreu nas águas sob jurisdição e soberania da República de Cabo Verde (RCV) e São Tomé e Príncipe (STP), com o embarque de equipas multidisciplinares de ambos os países, e o apoio à população de RCV, na sequência da tempestade ERIN que assolou a ilha de São Vicente em agosto.

Durante as navegações entre portos, o navio, além de efetuar presença naval e vigilância nos espaços marítimos onde operou, manteve sempre um elevado índice de treino interno a bordo, garantindo dessa forma a manutenção dos elevados padrões de prontidão necessários para a resposta a qualquer cenário, interno ou externo ao navio.

### ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O NRP *Sines* efetuou escala em Cabo Verde (CV), nos portos de Praia e Mindelo. A estadia no porto de Praia coincidiu com o início do exercício OE25, tendo participado na cerimónia de abertura e na *Pre-Sail Conference*, uma reunião de preparação para o exercício. Paralelamente a isso, foram







realizadas várias atividades, nomeadamente eventos protocolares a bordo com entidades portuguesas e cabo-verdianas. Já no porto do Mindelo foram realizadas um conjunto de demonstrações de capacidades do Destacamento de Abordagem (DABOARD) e do Destacamento de Sistemas Não Tripulados do tipo aéreo (SNT-Aer), conhecido como X31. Todo este evento teve cobertura dos órgãos de comunicação social (OCS) locais. Ao abrigo do protocolo no domínio da fiscalização marítima com CV, esteve ainda embarcada uma equipa multidisciplinar local, constituída por elementos da Guarda-Costeira, Inspeção Geral das Pescas, Polícia Judiciária e Polícia Marítima. Durante quatro dias foi efetuada patrulha numa área correspondente a 6% da Zona Económica Exclusiva (ZEE) de CV, tendo sido efetuadas duas ações de fiscalização a embarcações de pesca. O navio colaborou igualmente numa ação de busca e salvamento, tendo resgatado um tripulante solitário de uma embarcação de recreio a cerca de 200 milhas náuticas a norte da ilha de São Vicente.

A visita a São Tomé e Príncipe (STP) envolveu ações significativas de cooperação, como formações a militares da Guarda Costeira local em áreas técnicas como navegação, comunicações, sistemas auxiliares e eletricidade, além de sessões práticas de abordagem e *rappel*. Foram também embarcados, ao abrigo do protocolo de fiscalização marítima com STP, uma equipa de inspetores locais, tendo sido efetuada patrulha na sua ZEE.



Em Angola, o NRP *Sines* foi palco de dois almoços protocolares, nas cidades de Luanda e Lobito, tendo aberto as suas portas para os OCS locais em Luanda. No âmbito da cooperação militar, foram efetuadas operações de mergulho, em colaboração com os mergulhadores da Marinha de Guerra Angolana (MGA), e foram ainda promovidas exposições de capacidades operacionais e outras palestras para militares da MGA. Por sua vez, a MGA organizou para a guarnição do navio, visitas à Fortaleza-Museu de História Militar e ao Museu da Moeda, ambos na cidade de Luanda.

Já em Maputo, as atividades tiveram também uma componente muito forte na área da cooperação técnico-militar, com a realização de palestras para militares da Marinha de Moçambique. No âmbito protocolar, decorreram visitas institucionais e foi efetuada uma recepção protocolar com diversas entidades civis e militares. A guarnição participou ainda em iniciativas com a comunidade portuguesa residente em Moçambique e recebeu a imprensa local para uma conferência de imprensa a bordo.



Na Guiné-Bissau, a nível protocolar, foi realizada uma recepção que contou com um total de 67 convidados. O navio esteve aberto a visitas durante um dia, tendo sido realizado ainda um painel de discussão, com a presença de várias entidades a bordo, que teve como tema “A estratégia do mar na Guiné-Bissau”. A nível de cooperação militar, foram realizadas diversas formações, práticas e teóricas, a militares da Marinha da República da Guiné-Bissau, e ainda, demonstrações de capacidades com o navio atracado e a navegar, no âmbito das operações de abordagem a navio em atividade suspeita com recurso à equipa do DABORD em interoperação com o Destacamento SNT-Aer. Foram também realizadas operações de mergulho para manutenção de alguns equipamentos das entidades locais, e apoio sanitário através de consultas a 24 militares guineenses.

O navio teve igualmente oportunidade de estar presente em outros portos, nomeadamente, Casablanca em Marrocos, Nouadhibou na Mauritânia, Dakar no Senegal, Walvis Bay na Namíbia e Cidade do Cabo na África do Sul. A estadia do NRP *Sines* em todos estes países, contribuiu para o estreitamento e solidificação das boas relações entre países, através de ações de diplomacia e de cooperação técnico-militar, garantindo o incremento das capacidades e da interoperabilidade entre as várias Marinhas.

## EXERCÍCIO OE25

O exercício OE25 decorreu entre os dias, 10 e 16 de maio, no qual o navio operou principalmente nas zonas E, F e G da Arquitetura de Yaoundé, que cobre grande parte dos espaços marítimos que constituem o GdG.

O navio iniciou o exercício com a série PHOTEX que teve como objetivo, além de tirar a fotografia aérea com as vá-

rias unidades navais participantes no exercício, treinar manobras e evoluções em força, reforçando a coordenação e interoperabilidade entre os meios presentes.

Nos dias subsequentes, o navio concentrou a sua atuação em operações de *Intelligence, Surveillance e Reconnaissance* (ISR), conduzidas com recurso ao SNT-Aer PUMA para detetar e identificar navios de interesse, coligir dados e disseminá-los, em tempo útil, para os centros de comando e controlo em terra e para as unidades navais envolvidas através da plataforma *SeaVision*, contribuindo para um panorama situacional marítimo robusto e atualizado.

A participação do NRP *Sines* no exercício contribuiu de forma significativa para os objetivos do exercício, constituindo uma oportunidade relevante para reforçar a cooperação e a interoperabilidade com as Marinhas e Guardas Costeiras dos países da costa ocidental de África, bem como com outros parceiros internacionais envolvidos no planeamento e execução do exercício.

## APOIO HUMANITÁRIO E TÉCNICO A RCV

Na sequência da tempestade ERIN que assolou a ilha de São Vicente, em CV, no dia 11 de agosto de 2025, o NRP *Sines* foi empenhado para garantir o apoio necessário à população, e às autoridades do país durante o período de 15 a 24 de agosto. Em coordenação com as autoridades locais, o navio mobilizou os seus meios humanos, técnicos e logísticos revelando ser uma mais-valia na reposição da normalidade na ilha. O navio esteve empenhado em diversas ações de apoio, de carácter humanitário e técnico, tendo fornecido 80 toneladas de água, numa fase em que não existia produção de água na ilha, forneceu apoio técnico à empresa Electra (responsável pela produção e distribuição de água potável na ilha de São Vicente), conseguindo auxiliar na re-



posição de 50% da capacidade de produção de água na ilha (cerca de 5000 metros cúbicos de água por dia), cooperou na remoção de detritos e lamas de várias habitações, edifícios e vias públicas, efetuou ainda operações de mergulho para deteção de viaturas ou outros achados de interesse, recolheu imagens com recurso a SNT-Aer, mapeando uma área de cerca de 300 hectares, num total de 5618 fotografias, e forneceu cerca de 800 refeições quentes, distribuídas pela Cruz Vermelha à população mais carenciada, e 400 rações de combate para os militares de CV empenhados nas operações de busca e salvamento na ilha.

## TREINO INTERNO

O desempenho operacional do NRP *Sines* ao longo da missão foi sustentado por um programa de treino interno completo e gradualmente crescente em complexidade, tanto para a guarnição como para os destacamentos embarcados. Foram realizados exercícios e palestras teóricas em diversas áreas, desde combate a incêndios e alagamentos, resposta a ameaças assimétricas, exercícios de homem ao mar, comunicações, avarias a bordo, entre outros. O destacamento de mergulhadores realizou sempre que necessário, operações de mergulho, tanto para inspeção do próprio navio, como no âmbito de cooperação com outras Marinhas. O destacamento de SANT (X31) testou a aeronave PUMA em diversos cenários e a equipa do DABORD embarcada, conduziu treinos regulares e sessões práticas de abordagem, combate corpo-a-corpo, tiro, entre outros. Foi ainda possível treinar estes dois últimos destacamentos, para operações conjuntas de abordagem a navios suspeitos de atividades ilícitas, investindo na interoperabilidade entre estes dois destacamentos.

Foi ainda possível, durante o trânsito entre a ilha de São Tomé e a ilha do Príncipe, efetuar uma série de exercícios de treino de oportunidade com o NRP *Centauro*, navio que se encontra a operar em permanência no arquipélago.

PORTOS PRATICADOS	PERÍODOS
CASABLANCA (MARROCOS)	16ABR - 19ABR
NOUADHIBOU (MAURITÂNIA)	25ABR - 28ABR
DAKAR (SENEGAL)	29ABR - 02MAI
PRAIA (CABO VERDE)	05MAI - 09MAI
BAÍA ANA CHAVES (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE)	19MAI - 24MAI
LUANDA (ANGOLA)	27MAI - 31MAI
WALVIS BAY (NAMÍBIA)	04JUN - 07JUN
CIDADE DO CABO (ÁFRICA DO SUL)	12JUN - 18JUN
MAPUTO (MOÇAMBIQUE)	28JUN - 01JUL
LOBITO (ANGOLA)	09JUL - 13JUL
BAÍA ANA CHAVES (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE)	16JUL - 18JUL
PRÍNCIPE (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE)	18JUL - 19JUL
BISSAU (GUINÉ-BISSAU)	27JUL - 30JUL
MINDELO (CABO VERDE)	02AGO - 04AGO
MINDELO (CABO VERDE)	08AGO - 09AGO
TENERIFE	12AGO - 12AGO
MINDELO (CABO VERDE)	15AGO - 24AGO

## CONCLUSÃO

A Iniciativa Mar Aberto 2025 confirmou mais uma vez a importância estratégica da Marinha Portuguesa no reforço da segurança marítima na costa oeste africana, em especial no GdG. Os navios de patrulha oceânicos continuam a revelar-se plataformas versáteis, eficazes e bem preparadas para os múltiplos desafios desta missão.

Faz-se um balanço claramente positivo da missão, tendo sido verificado um elevado grau de cumprimento dos objetivos estratégicos e militares, num esforço conjunto que reforça o papel de Portugal como ator ativo na construção de um espaço atlântico mais seguro, interoperável, cooperativo e estável.



Colaboração do **COMANDO DO NRP SINES**





# NRP D. CARLOS I

## MISSÃO MULTIDISCIPLINAR

Volvidas duas semanas sobre o final de mais uma campanha hidrográfica no âmbito da Extensão da Plataforma Continental, em que o NRP D. Carlos I executou levantamentos hidrográficos no mar dos Açores durante cerca de dez semanas, este navio hidro-oceanográfico da Marinha Portuguesa voltava a praticar a Barra Sul do porto de Lisboa no dia 7 de setembro de 2025, dando assim início a uma campanha multidisciplinar que tinha como primeira etapa o apoio ao exercício REPMUS 25.

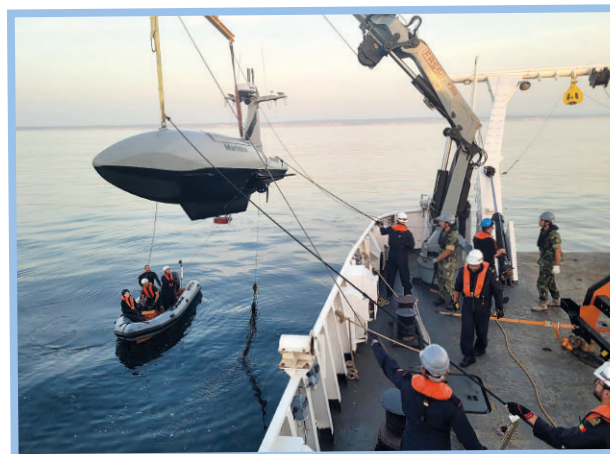
### APOIO AO EXERCÍCIO REPMUS 25

Entre os dias 22 de agosto e 6 de setembro, o navio garantiu a sustentação logística para a nova missão, efetuando reabastecimento de combustível, de lubrificantes e de géneros alimentares, assegurando as ações de manutenção preventiva previstas assim como as ações de manutenção corretiva a alguns sistemas críticos, efetuou ações de coordenação com as entidades a apoiar durante o REPMUS, embarcou o veículo híbrido ROV/AUV para operações subaquáticas EVA do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência (INESC TEC), compreendendo a instalação das consolas que possibilitaram a sua operação a partir de bordo, embarcando ainda 42 minas para treino durante aquele exercício.

A primeira tarefa executada durante o REPMUS consistiu no fundeamento destas minas, que se destinavam ao treino de equipas de mergulhadores das Marinhas aliadas participantes no exercício e à experimentação de veículos submarinos para a sua deteção. Esta operação foi executada entre a baía de Sesimbra e o Cabo Espichel, entre as isobatómetrias dos 10 e dos 30 metros, a curta distância da linha limite de águas navegáveis, exigindo por isso um rigoroso planeamento de navegação que foi escrupulosamente cumprido. Adicionalmente foram ainda fundeadas seis minas na Costa da Galé.

Cumprida a primeira tarefa, o navio demandou a barra de Setúbal a 10 de setembro para atracar em Troia, com o

objetivo de embarcar um cabo que simularia um cabo submarino, a fundear a sul de Sesimbra, dois outros veículos autónomos, o GAVEA e o IVER que, a par do EVA já anteriormente embarcado, iriam operar na área em que o cabo seria fundeado, assim como material de apoio à recolha de torpedos. Estas tarefas foram cumpridas entre os dias 11 e 18 de setembro, data em que se regressou a Troia, desta feita para embarcar o Trator do Mar e efetuar reuniões de coordenação com o CEOM para o que seria a primeira vez que este USV seria projetado e operado a partir de uma unidade naval.



A projeção e retração do Trator do Mar, assim como a respetiva operação a partir do navio, foi efetuada com sucesso a 19 de setembro. Foi uma operação complexa, tendo em conta as dimensões deste USV, efetuada sob condições meteorológicas e oceanográficas favoráveis, tendo sido efetuados registos fotográficos e vídeo, posteriormente disseminados para que se pudessem identificar oportunidades de melhoria.

Ainda neste período, tirando o maior partido da presença no mar de um navio hidro-oceanográfico, houve a oportunidade de proporcionar o estágio de embarque a cinco alunos do Curso de Especialização em Hidrografia e Oceanografia,



contribuindo para a sua formação. Para este efeito, foram realizados no período noturno levantamentos hidrográficos e foram efetuados testes ao sistema CTD SEABIRD.

Antes de terminar a participação no REPMUS, haveria ainda oportunidade de participar na série de assentamento do submarino, a 19 e 20 de setembro, durante a qual o navio garantiu a segurança da área, coordenou a participação dos diversos veículos autónomos, assegurou a operação do ROV EVA a partir de bordo e teve ainda oportunidade de detetar o submarino assente no fundo utilizando um dos sondadores multifeixe instalados a bordo.

Finda a participação no REPMUS, o navio regressou à Base Naval de Lisboa (BNL) para uma curta escala logística, em que foi embarcado e instalado o material a operar durante a campanha oceanográfica do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) que se seguiria.

## CAMPANHA OCEANOGRÁFICA DO IPMA

Esta campanha, decorreu entre os dias 23 de setembro e 2 de outubro, em duas áreas distintas, ao largo de Leixões e da Figueira da Foz, tendo sido executadas 57 estações, compreendendo perfis CTD até aos 1000 metros de profundidade, e arrastos de fundo e de superfície a partir do pórtico lateral e do pórtico de ré respetivamente.

A realização de arrastos de fundo a partir do pórtico lateral obrigou à montagem de um guincho específico para o efeito com o apoio do Centro de Instrumentação Marítima (CIM) do Instituto Hidrográfico (IH) e ao estudo e coordenação prévia das manobras com as equipas embarcadas da Divisão de Oceanografia (DOC) do IH e do IPMA, pois ao contrário do seu "irmão" NRP *Almirante Gago Coutinho*, o NRP *D. Carlos I* não dispõe de sistema de posicionamento dinâmico.

Ainda durante esta campanha, a depressão pós-tropical *Gabrielle* obrigou o navio a arribar durante 48 horas no porto de Leixões. Durante esta escala foram efetuados trabalhos de diagnóstico à avaria no motor gerador. Apesar de ter sido detetada a natureza da avaria, a sua resolução não estava ao alcance do navio, pelo que apenas após regressar à BNL poderia ser reposta a respetiva operacionalidade.

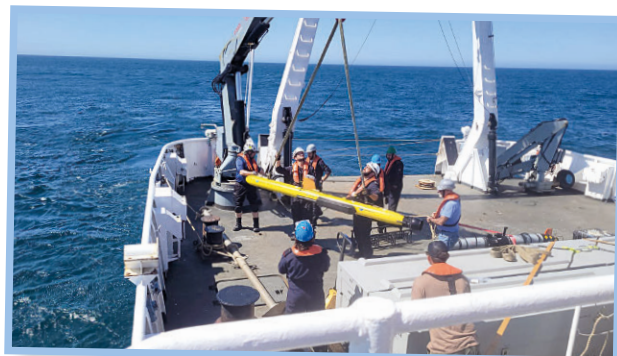
O navio concluiu esta campanha oceanográfica a 2 de outubro. Apesar das vicissitudes que a afetaram foi possível executar mais de 90% das estações previstas, tendo o IPMA considerado por isso que a campanha atingiu os objetivos. No trânsito para a BNL foi ainda efetuada a recolha da boia oceânica multiparamétrica da Nazaré, que integra a rede MONIZEE, e que tinha ficado à deriva.

A 10 de outubro, após uma paragem logística na BNL, o NRP *D. Carlos I* estava pronto a largar para iniciar a etapa seguinte da missão, a campanha multidisciplinar no Complexo Madeira-Tore<sup>1</sup> e nas Ilhas Selvagens, antes da largada, o navio recebeu a visita do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, que salientou a importância das missões dos navios da classe *D. Carlos I* para o conhecimento do mar português, com relevo para as campanhas a favor da extensão da plataforma continental, com o potencial de aumentar significativamente os espaços marítimos sob soberania ou jurisdição nacional.

## CAMPANHA MULTIDISCIPLINAR NO COMPLEXO MADEIRA-TORE E NAS ILHAS SELVAGENS

Esta campanha multidisciplinar dividiu-se em três partes: a primeira, executada nos três primeiros dias da missão, incluía a manutenção operacional da estação de observação oceanográfica da margem Ibérica do EMSO<sup>2</sup> a executar por uma equipa do IPMA embarcada, a sudoeste do Cabo de São Vicente, incluindo a recolha e fundeamento de equipamentos científicos e a colheita de perfis e amostras da coluna de água.

A segunda, efetuada entre 12 e 18 de outubro, consistia em trabalhos oceanográficos no complexo Madeira-Tore, centrada no banco *Coral Patch*, nomeadamente registos do solo marinho com recurso ao ROV EVA do INESC TEC, colheita de amostras da coluna de água e de fitoplâncton e o lançamento de boias derivantes no âmbito do *Global Drifter Program* para obtenção de dados das correntes oceânicas. Para a execução destas tarefas estavam embarcadas a já referida equipa do IPMA, uma equipa do IH-DOC e uma equipa do INESC TEC, esta dedicada à operação do ROV EVA. Apesar de mais uma vez se ter lidado com os desafios de operar um ROV até aos 1100 metros de profundidade, a partir de um navio que não está dotado de posicionamento dinâmico, esta tarefa foi cumprida com sucesso, em virtude da estreita coordenação com as equipas embarcadas e da experiência na operação com o ROV durante o exercício REPMUS da qual foram retiradas oportunidades de melhoria que foram implementadas durante esta campanha.



No final destes trabalhos, o NRP *D. Carlos I* efetuou uma escala logística de 48 horas no porto do Funchal, durante a qual foram efetuados os preparativos para a campanha científica nas Ilhas Selvagens, que decorreu entre 20 e 25 de outubro.

Nesta campanha, que teve como objetivo reforçar a observação oceanográfica e meteorológica nas Ilhas Selvagens de forma permanente, nomeadamente através da instala-







ção de uma estação maregráfica, de uma estação meteorológica e de uma estação do Sistema Global de Navegação por Satélite, e da execução de trabalhos de topografia na Selvagem Grande, participaram equipas do IPMA, do IH, do Instituto das Florestas e Conservação da Natureza da Madeira (IFCN), da Direção Regional do Ordenamento do Território (DROTE) e da Universidade da Beira Interior (UBI).

Paralelamente, o NRP *D. Carlos I* efetuou um levantamento hidrográfico a leste das Ilhas Selvagens, ampliando assim a informação hidrográfica na área mais a sul sob soberania nacional.

Apesar das condições meteorológicas terem impedido a execução de trabalhos na Selvagem Pequena, os objetivos desta campanha foram atingidos, considerando os seus responsáveis que permitirá uma melhor compreensão dos fenómenos meteorológicos e oceanográficos locais, respondendo à necessidade de monitorizar as alterações climáticas e, em particular, a subida do nível médio do mar.

Existiu ainda oportunidade para colaborar com o Comando da Zona Marítima da Madeira (CZMM), efetuando transportes logísticos, salientando-se a retração para o Funchal da embarcação *Calcamar*.



A etapa seguinte foi executada entre 15 e 22 de novembro e correspondeu a uma solicitação do IPMA para efetuar testes de aceitação a cais e no mar ao equipamento de reflexão sísmica de reflexão multicanal de ultra alta resolução, adquirido por aquela entidade no âmbito de um projeto financiado pelo PRR. Os testes no mar consistiram no reboque de um *array* de hidrofones com cerca de 250 metros de comprimento, tendo sido executados a sul de Sesimbra a 21 e 22 de novembro, tendo os objetivos sido alcançados.

A etapa final da missão iniciada a 7 de setembro cumpriu-se entre os dias 25 de novembro e 1 de dezembro, abrangendo trabalhos de oceanografia, hidrografia e geologia marinha, com o apoio de equipas técnicas do IH que embarcaram para o efeito. Foram efetuadas recolhas de sedimentos ao largo da Nazaré e foi garantida a manutenção operacional da rede MONIZEE, o sistema de monitorização e previsão operacional para o oceano costeiro português, substituindo a boia costeira da Nazaré e a boia oceânica de Faro e recolhendo a boia oceânica de Sines. Na fase final da tirada foram efetuados levantamentos hidrográficos junto à costa entre o Cabo Raso e o Cabo Carvoeiro no âmbito dos trabalhos preparatórios da área marinha protegida de interesse comunitário de Cascais, Sintra e Mafra.

## CONCLUSÕES

Durante a missão, o navio produziu diversas peças de comunicação, versando o trabalho realizado, que foram alvo de repercussão em diversos órgãos de comunicação social, salientando-se a entrevista ao Comandante do navio e ao Chefe de missão do IPMA por parte da Antena 1 Madeira, assim como o embarque de uma equipa de reportagem da RTP, entre 25 e 26 de novembro.

É de inteira justiça que este artigo faça referência ao Comando da Zona Marítima do Sul, ao Comando da Zona Marítima da Madeira, ao Comando da Zona Marítima do Norte, às capitânias dos portos do Funchal, de Sines, de Peniche, da Nazaré e de Lagos, assim como ao NRP *Zaire* e ao NRP *Hidra*, pelo apoio logístico e operacional prestado, que permitiu que o NRP *D. Carlos I* cumprisse de forma mais eficiente a sua missão.

À chegada à BNL, foi notório o sentimento de dever cumprido e orgulho da guarnição pelo trabalho realizado após a última campanha de 2025, ano em que o NRP *D. Carlos I* cumpriu 188 dias de missão contribuindo para o conhecimento do mar português.



Colaboração do **COMANDO DO NRP D. CARLOS I**

### Notas

<sup>1</sup> O complexo geológico Madeira-Tore tem uma área de 197.431 km<sup>2</sup>, e inclui 19 estruturas, 17 das quais são montes submarinos, onde estão incluídos os Bancos *Ampere* e *Coral Patch*.

<sup>2</sup> *European Multidisciplinary Seafloor and water column Observatory*.



## GUERRA NO PACÍFICO

### O FIO DA MEMÓRIA

A guerra no mar tem episódios que, mais do que consistirem apenas em números e datas, se transformam em símbolos de dor e de memória. Dos cerca de 400 navios norte-americanos afundados no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, três deles — o **couraçado Arizona**, o **porta-aviões Liscome Bay** e o **cruzador Indianapolis** — contam, cada um à sua maneira, uma história de vulnerabilidade e tragédia, mas também de coragem e abnegação.

O **Arizona** repousa até hoje no fundo da baía de Pearl Harbor, no mesmo local onde foi atingido no ataque japonês de 7 de dezembro de 1941. Uma única bomba bastou para perfurar o convés e alcançar o paiol de munições. O que se seguiu foi uma explosão tão violenta que o navio se partiu ao meio, ficando envolto em chamas. Em poucos minutos, mais de mil marinheiros desapareceram com ele. O navio tornou-se, desde então, um túmulo coletivo e um ícone nacional: o retrato do “Dia da Infâmia” que arrastou os Estados Unidos para a guerra.

Dois anos depois, em novembro de 1943, foi a vez do **Liscome Bay**, um porta-aviões de escolta que apoiava a ofensiva contra as Ilhas Gilbert. No escuro da madrugada, o submarino japonês *I-175* lançou o torpedo que atingiu em cheio o paiol de munições do navio. O clarão iluminou o céu e, em menos de meia hora, o navio desapareceu. Quase dois terços de sua tripulação, incluindo o Contra-almirante Henry Mullinix, morreram sem ter tempo de reagir. Esta tragédia revelou uma amarga realidade: mesmo os poderosos símbolos do poder naval — os grandes porta-aviões — podiam ser reduzidos a destroços numa questão de minutos.

Mas talvez nenhuma dessas duas tragédias seja tão impregnada de dramatismo quanto a do **Indianapolis**. Era julho de 1945, e o navio acabara de entregar os componentes da bomba atômica *Little Boy* na ilha de Tinian. Dias depois, em águas filipinas, foi torpedeado pelo submarino japonês *I-58*. Dois torpedos bastaram. Em doze minutos, o navio adornou e afundou-se, levando consigo 300 homens da guarnição. Os que restaram — quase 900 — ficaram entregues a si próprios à deriva no oceano. Sem botes salva-vidas suficientes, à mercê do sol escaldante e da sede insuportável, tornaram-se presas fáceis para os tubarões que infestavam a área. Durante quatro dias, aguardaram por um resgate que não vinha, não porque ninguém quisesse salvá-los, mas porque o navio fora dado como tendo chegado a Leyte. Foi apenas por acaso, quando um avião em patrulha avistou manchas de óleo no mar, que os pri-

meiros sobreviventes foram encontrados. Dos 1195 tripulantes, apenas 316 voltaram para casa.

Esses três episódios, tão distintos no tempo e na forma, revelam a mesma essência: o caráter da guerra no mar que não perdoa erros nem hesitações. O **Arizona** simboliza o início de uma guerra devastadora; o **Liscome Bay**, a invisibilidade dos submarinos que atacam as suas presas sem aviso; e o **Indianapolis**, o horror prolongado pela falha administrativa da cadeia de comando. Mais do que navios perdidos, eles são histórias de vidas ceifadas, de heróis anônimos e de lições que permanecem como cicatrizes na história da Marinha Americana.

Não por acaso, sobre os destroços do **Arizona**, ergue-se hoje o **USS Arizona Memorial**, em Pearl Harbor. Suspensa sobre as águas, uma estrutura branca lembra um túmulo silencioso, onde ainda repousam os corpos de centenas de marinheiros. Do casco submerso, ainda hoje sobem pequenas manchas de óleo que os visitantes chamam de “lágrimas negras”, como se o navio ainda chorasse os seus homens. O memorial tornou-se lugar de peregrinação para milhões de pessoas todos os anos — um espaço de luto coletivo, mas também de reflexão sobre a paz e, sobretudo, sobre a loucura da guerra.

Já o cruzador **Indianapolis** ganhou o seu próprio lugar de memória em terra firme, nas margens do Canal de Indianapolis, no estado de Indiana, cidade que deu o nome ao navio. O monumento, erguido em 1995, homenageia cada um dos membros da sua guarnição, cujos nomes estão gravados numa pedra de granito polido. Para os sobreviventes — muitos dos quais viveram décadas com o peso do trauma —, o memorial tornou-se um espaço de encontro, em que a lembrança da dor se transformou em fraternidade e resistência.

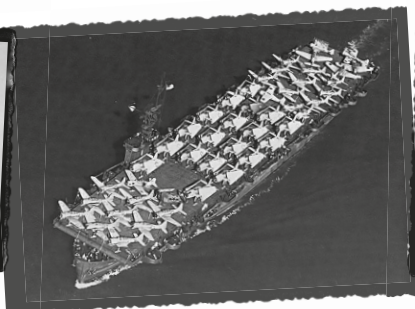
Assim, o **Arizona**, o **Liscome Bay** e o **Indianapolis**, permanecem ligados pelo **fio da memória**: um descanso no fundo em Pearl Harbor, outro sob as águas profundas do Pacífico, e o terceiro, também assente nas profundezas do oceano, é lembrado em solo americano. Mais do que monumentos são memória e advertência silenciosa, testemunhos de que a paz é sempre frágil e de que a guerra, quando chega, deixa marcas que persistem por gerações.



Piedade Vaz  
CFR REF



Couraçado Arizona



O porta-aviões Liscome Bay



Cruzador Indianapolis





# 20 ANOS AO SERVIÇO DAS RADIOCOMUNICAÇÕES NAVAIS

## CCDCM

A eficácia das radiocomunicações navais tem sido, ao longo de toda a sua história, um pilar essencial, que garante a capacidade de Comando e Controlo necessária ao cumprimento da missão da componente operacional do sistema de forças e abrangendo toda a Marinha.

No ano de 2025, celebrou-se a segunda década de existência do **Centro de Comunicações, de Dados e de Cifra da Marinha – Vice-almirante Moreira Rato (CCDCM)**, uma unidade que simboliza a capacidade de adaptação e resiliência da Marinha.

### DO TELÉGRAFO À MARINHA EM REDE: UMA TRAJETÓRIA DE INOVAÇÃO

A evolução das comunicações navais é uma saga de modernização contínua. Desde o primeiro Posto Radiotelegráfico<sup>1</sup> instalado no Arsenal da Marinha, estabelecido em 1910, as Estações e Postos Radionavais constituíram-se, ao longo do século XX, como a espinha dorsal que ligava o Continente aos Arquipélagos e aos territórios ultramarinos. Em 1974, Portugal contava com um total de 125 estações e postos dispersos.

A partir de 1975, a Marinha embarcou numa jornada acelerada de automatização e consolidação. A introdução do Equipamento Telegráfico Automático de Retransmissão de Mensagens (ETARM) quadruplicou a capacidade de comunicação e acelerou a obsolescência do código Morse. Esta fase foi marcada pela aposta na indústria nacional, com o desenvolvimento de equipamentos HF avançados.

A década de 80 assistiu a uma profunda transformação com a criação do Serviço de Informática da Armada (SIA) e o pioneirismo na integração de sistemas, destacando-se o Sistema Integrado de Controlo de Comunicações (SICC) nos navios. Nos anos 90, a adoção da rede TCP/IP e o de-

envolvimento do Sistema Integrado de Comunicações da Marinha (SINCOMAR) desbravaram o caminho para a era digital. A convergência entre comunicações e sistemas de informação culminou na criação da Direção de Tecnologias de Informação e Comunicação (DITIC) e na consolidação da Rede de Comunicação da Marinha (RCM), uma infraestrutura em fibra ótica que liga as principais unidades.

### O NASCIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO CCDCM 2005-2025

O dia 26 de outubro de 2005 marcou, com a inauguração oficial pelo então Presidente da República Dr. Jorge Sampaio, a consolidação de uma nova era: o CCDCM nascia do Projeto de Modernização e Automatização das Estações Radionavais (GPRADNAV). O seu propósito era claro: aumentar os serviços, modernizar os equipamentos e reduzir drasticamente os custos operacionais.

Projetado com uma visão de futuro e obedecendo a rigorosos requisitos de segurança da NATO, o CCDCM integrou três vertentes essenciais: o Centro de Comunicações, o Centro de Dados e o Centro de Cifra. Concomitantemente, a dispersão geográfica e funcional (Base Naval, LTX Penalva e LRX Fonte da Telha) garantiu que o CCDCM se tornasse o mais importante nó da rede que liga as unidades em terra e no mar.

Na primeira década, destacou-se a operacionalização do sistema *Military Message Handling System* (MMHS), o apoio crucial às radiocomunicações e a gestão estratégica da criptografia, afirmando a sua interoperabilidade em projetos como o *Broadcast and Ship to Shore* (BRASS) da NATO. A capacidade de operar e manter os seus próprios sistemas é uma boa prática que garante uma pronta resposta operacional.



Foto CTEN STC Pimentel da Cunha



*Posto Radiotelegráfico do Arsenal da Marinha em Exposição na Casa da Balança em 2010 (celebração dos 100 anos da Radiotelegrafia na Marinha)*

Nos últimos dez anos, o CCDCM afirmou-se como pilar central ao prosseguir a modernização tecnológica, essencial para o apoio das operações em geografias diversas. A dedicação e o elevado nível de especialização do seu pessoal foram cruciais para inovar e antecipar os desafios de segurança cada vez mais complexos, que exigem maior prontidão, versatilidade e inovação.

O instrumento de poder militar depende, cada vez mais, da robustez e da fiabilidade das comunicações, e o CCDCM tem estado – e continuará a estar – na linha da frente desse esforço. Assim, este Centro deverá acompanhar a evolução nos domínios das comunicações, dos sistemas de informação e dos equipamentos criptográficos, sem derivas. Esta transformação exige um compromisso inabalável, versatilidade e uma permanente atualização/adaptação às novas tecnologias e aos paradigmas emergentes.

É por isso que apostamos fortemente na robustez das estruturas de comando e de controlo, de comunicações e da informação, promovendo a disseminação de uma cultura digital abrangente entre militares e civis. Devemos, por isso, investir em novos conceitos de operação, alinhados com a doutrina promulgada, porque reconhecemos que a prontidão, a eficácia e o sucesso das missões assentam na capacidade de inovar e de nos adaptarmos ao novo contexto tecnológico global.

Os 20 anos do CCDCM não são somente o culminar de uma trajetória, mas uma continuidade visando a inovação e adaptação pois o futuro exige soluções que garantam o acesso seguro e fácil à informação, assegurando a capacidade de Comando e Controlo com a máxima eficácia num cenário global em constante mutação.

## 20 ANOS DO CENTRO DE COMUNICAÇÕES, DE DADOS E DE CIFRA DA MARINHA

No ano em que se comemora o Ano Internacional da Ciência e Tecnologia Quântica, o CCDCM assinala o seu 20º aniversário, duas décadas de dedicação, profissionalismo e serviço à Marinha e a Portugal.

No passado dia 28 de outubro realizou-se nas instalações do CCDCM, uma cerimónia evocativa que contou com a presidência do Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), Almirante Jorge Nobre de Sousa, bem como de distintas entidades e convidados das diversas áreas funcionais da Marinha cuja colaboração e empenho diário contribuem para que o CCDCM cumpra a sua exigente missão.

Marcaram também presença representantes de entidades parceiras institucionais, nomeadamente o Diretor do Gabinete Nacional de Segurança, o Diretor-Geral de Inspeção da Autoridade Nacional de Comunicações e elementos da empresa EID – Engenharia de Sistemas de Electrónica e Desenvolvimento. A cooperação, a partilha de conhecimento e a complementaridade de competências entre estas entidades têm sido determinantes para enfrentar os desafios tecnológicos e operacionais bem como aqueles que se perspetivam no futuro.

O Almirante Jorge Nobre de Sousa deu início à visita com o registo no Livro de honra da Unidade, de uma mensagem evocativa do evento, sublinhando a sua importância operacional.



*Ao celebrarmos duas décadas do CCDCM, destaco o seu papel essencial para a segurança, eficácia e fiabilidade das comunicações da Marinha e, por consequência, para o exercício do Comando e Controlo das Operações Navais.*

*Num tempo em que a superioridade na decisão é crítica, o CCDCM tem evoluído com a tecnologia, enfrentando e superando desafios e reforçando a interoperabilidade de sistemas e serviços.*

*Rendo, assim homenagem aos militares e civis que, ao longo destes 20 anos asseguraram, com competência e dedicação, que as nossas comunicações se fizessem, sempre, "Alto e Claro".*





Foto CTEN STC Pimentel de Cunha

A cerimónia incluiu um ato de imposição de condecorações, no qual foram reconhecidos diversos militares do CCDCM, numa justa homenagem ao mérito, à dedicação e ao espírito de serviço que caracterizam o seu trabalho, o reconhecimento público atinente dos seus desempenhos de referência. Este momento simbólico reforçou o orgulho de pertença à instituição e serviu de inspiração para todos quantos nela servem.

Seguiram-se as intervenções do Diretor do CCDCM, CFR Nelson Santos Martins e do Almirante CEMA e AMN, que destacaram a importância do Centro no apoio às comunicações seguras e à proteção da informação, pilares essenciais da capacidade operacional da Marinha.

Um dos pontos altos da celebração foi o descerramento de uma placa evocativa, perpetuando o legado de todas as guarnições, mulheres e homens que, com dedicação, profissionalismo e espírito de missão, contribuíram para o cumprimento das múltiplas tarefas atribuídas ao longo destas duas décadas.

O evento culminou com um almoço convívio, durante o qual se partilharam experiências e memórias, num ambiente de sã camaradagem e reflexão sobre os desafios que se avizinham. A celebração terminou com o tradicional corte do bolo alusivo à efeméride, momento simbólico em que o Almirante CEMA e AMN convidou representantes das três categorias do pessoal do Centro a acompanhá-lo, sublinhando assim o espírito de união e coesão que caracteriza o CCDCM.

Vinte anos após a sua criação, o CCDCM mantém-se fiel à sua missão: garantir comunicações seguras, fiáveis e eficazes, sustentando o esforço e a prontidão da Marinha Portuguesa, em mar e em terra.

## OS DESAFIOS FUTUROS DO CCDCM

Importa prosseguir e garantir continuidade nas principais funções atribuídas ao CCDCM, nomeadamente:

- Assegurar a capacidade de Comando e Controlo (C2) essencial para a componente operacional da Marinha, garantindo as comunicações permanentes entre os comandos e as forças em operações;
- O compromisso NATO de garantir a capacidade para disponibilizar o serviço de comunicações navais à Aliança Atlântica, em cumprimento com o Memorando de Entendimento em vigor;
- Na área da criptografia, como autoridade técnica da Marinha para a criptografia, é responsável pela promulgação de matérias criptográficas e pela inspeção na área da cifra;
- No âmbito do serviço público, cumprir no apoio à salvaguarda da vida humana no mar, através da permanente transmissão de boletins meteorológicos e avisos aos navegantes.

Na área das infraestruturas, pugnar para modernizar os sistemas de energia e climatização, fundamentais para operação e que apresentam elevados consumos e exigem manutenção onerosa e frequente devido à obsolescência logística.

Acompanhamento e colaboração na migração do serviço de radiodifusão naval para a nova arquitetura que visa integrar serviços IP (correio eletrónico, *chat*) em comunicações HF, como alternativa vital às comunicações satélite.

Colaboração na implementação de comunicações satélite militares (*i-Direct*) e na modernização da rede OPNET e do sistema de comunicações no porto.

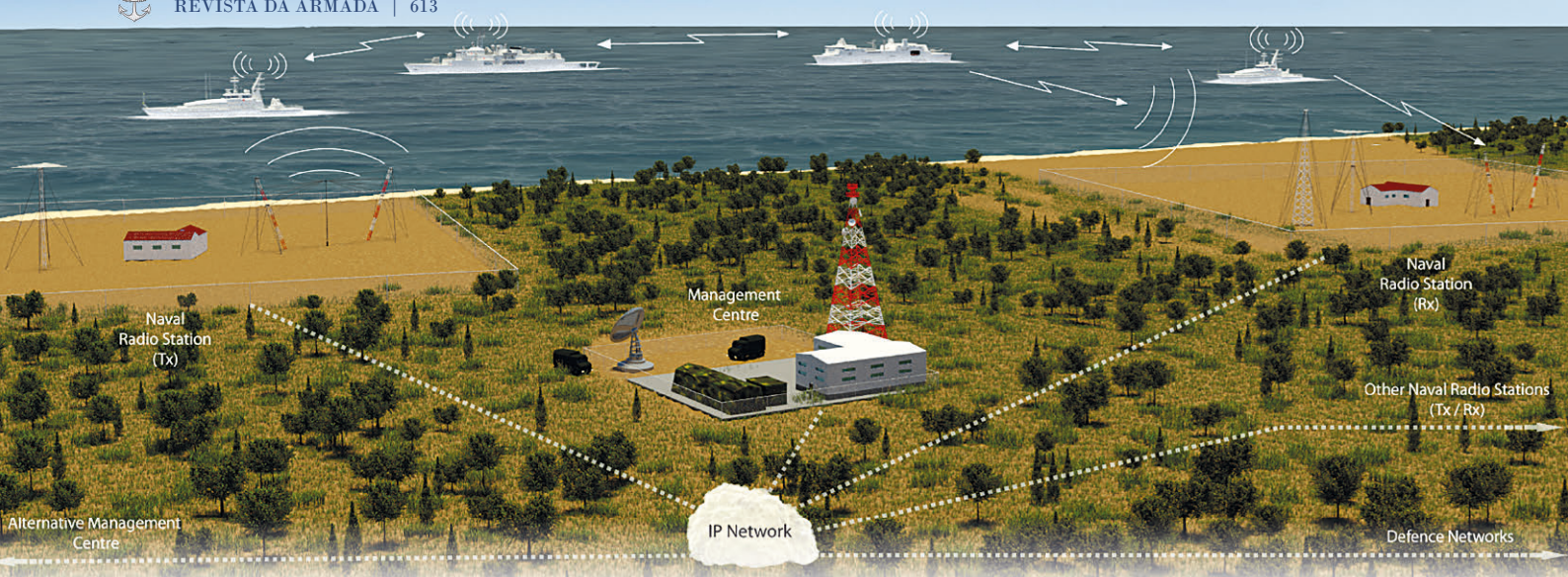
Acompanhar a evolução dos sistemas de informação, comunicações e criptografia.

Exigir compromisso inabalável e permanente atualização do pessoal.

Promover uma cultura digital abrangente e investir em novos conceitos de operação, alinhados com a doutrina, para garantir o sucesso das missões.

O CCDCM continuará com o seu compromisso em ultrapassar os desafios com planeamento, empenho e resiliência e o seu pessoal, continuará com brio, relevância, rigor, disciplina, lealdade e espírito de bem servir envergando o símbolo das comunicações e fazendo-o chegar, no globo, onde estiver uma força da Marinha.





Representação do sistema BRASS (EID, 2016)

## DIRETORES DO CCDCM NOS ÚLTIMOS 20 ANOS

**CFR Joaquim Malhadas Teixeira**

22-09-2005 / 29-06-2007

**CFR Pedro Rodeia Ribeiro**

29-06-2007 / 23-09-2009

**CFR Nuno Noronha Bragança**

23-09-2009 / 12-10-2012

**CFR Carlos Pereira Simões**

12-10-2012 / 09-06-2015

**CFR Hélder Fialho de Jesus**

09-06-2015 / 12-09-2017

**CFR Paulo Oliveira Inácio**

12-09-2017 / 07-11-2018

**CFR Fernando Cavaleiro Ângelo**

07-11-2018 / 17-08-2022

**CFR Nelson Santos Martins**

17-08-2022 / no cargo

O vigésimo aniversário do CCDCM celebrou um legado consolidado de excelência e importância estratégica, reconhecido por todos. Desde a sua inauguração em 2005, o Centro afirmou-se como o nó essencial da rede que garante o Comando e Controlo operacional da Marinha e cumpre um papel crítico junto da NATO e no apoio à segurança marítima nacional. As homenagens prestadas reconhecem o esforço e o espírito de missão das guarnições que, ao longo de duas décadas, asseguraram o funcionamento desta infraestrutura vital.

Contudo, o momento atual é de imperiosa necessidade de modernização. Confrontado com um contexto geopolítico desafiante e um ritmo acelerado de evolução tecnológica que o CCDCM deve acompanhar “sem derivas” procurando soluções para fazer face aos dilemas da obsolescência e na aposta contínua na competência e atualização da sua equipa coesa, garantindo que o CCDCM preserva o seu legado, adapta-se aos novos paradigmas e continua a ser um pilar da Marinha.



Colaboração da **DIREÇÃO DO CCDCM**

### Notas

<sup>1</sup> Com a designação de “Posto Radiotelegráfico do Arsenal da Marinha”, entrou em funcionamento em 16 de fevereiro de 1910. Fez serviço oficial e serviço público móvel-marítimo. Foi extinto em 1920.







# A PRAÇA DO COMÉRCIO

## A MARINHA E A RIBEIRA DAS NAUS

Gentes,  
Monumentos  
e Acontecimentos

13

### CONCLUSÃO

No seguimento do artigo anterior que versou sobre a Ilustre Praça do Comércio, conjunto mítico lisboeta, entendemos que o mesmo não ficaria completo, na sua simbologia global, sem uma abordagem ao espaço que lhe fica a Oeste, a *nossa* Ribeira das Naus<sup>1</sup>, uma área que, em especial desde finais do Séc. XIII, teve um papel fundamental quer no desenvolvimento do tecido urbano da cidade medieval e renascentista, quer naquilo que foi a base fundacional da construção e poderio naval Português o qual, bem o sabemos, contribuiu de sobremaneira para a construção de um império marítimo<sup>2</sup> e da *Portugalidade* tal como a conhecemos.

Linear, altaneiro e elegantíssimo na sua traça estrutural, com as janelas pombalinas armoriadas, as cabeças de leão nas cornijas<sup>3</sup> e no beiral superior que emoldura os algerozes, as fortes grades<sup>4</sup> indiciadoras de instalações protegidas para determinados fins, com os sinais dos tempos bem marcados nas suas densas portas seculares e nas amplas escadarias de pedra, o edifício da Ribeira das Naus<sup>5</sup>, o famoso *Arsenal*, encerra em si – na sua configuração do terceiro quartel do Séc. XVIII – a morfologia de uma visão iluminista Oitocentista, que privilegiava o espaço arquitectónico amplo, uniforme, capaz de integrar serviços e capacidades com várias funcionalidades.

Era nestes terrenos, ainda vastos, até ao início do Corpo Santo, que desde tempos medievais<sup>6</sup> se situavam as *Taracenas do Rei*<sup>7</sup>, locais e armazéns<sup>8</sup> destinados a albergar equipamentos, apetrechos marítimos e panos de vela, e local de construção de galés e embarcações, sendo que, ocupando toda esta zona uma parte central da cidade, constituía um foco de ataques piratas, pelo que o monarca, em 1294, mandou erguer uma muralha que se estendia desde a (actual) Rua do Comércio até à Praça do Município, poden-

do, ainda hoje, ver-se, no Museu da Moeda, um fantástico trecho exemplar do pano dessa muralha, recuperado, na Igreja de S. Julião<sup>9</sup>.

Todo o complexo da Marinha na Ribeira das Naus tem um valor arquitectónico, histórico e artístico de grande relevância, incluindo a Digníssima Capela de S. Roque que abriu ao culto logo em 1761, e, por tais factores, bem como pelo peso que a história tem nestes solos, e por tudo o que simboliza para os que servem na nossa Casa, impõe-se dedicar-lhe um artigo.

### ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Como antes abordámos na primeira parte do artigo sobre a Praça do Comércio, o monarca *Venturoso* que, desde finais do Séc. XV, foi absolutamente determinante no processo expansionista Português, determinou a construção do Paço da Ribeira precisamente para manter um controlo régio presencial mais próximo da actividade de construção naval e de sedimentação das potencialidades e perícias marítimas da Nação, tendo ali mandado edificar as designadas *Feitorias das mercadorias da Índia e da Mina*, mais tarde, Casa da Índia<sup>10</sup>, sede onde o Rei mandou agregar as capacidades de controlo militar naval, alfandegário, técnico-pericial e de segurança marítima. Do lado mais Oriental de uma praça alongada, emoldurada por vários edifícios de uma dimensão uniforme, ficavam a Igreja da Misericórdia, o edifício do Terreiro do Trigo<sup>11</sup>, a célebre Alfândega Nova e, também, a Casa da Suplicação<sup>12</sup>.

Junto ao edifício do Paço ficava o chamado Armazém das Armas, o qual, segundo Damião de Góis<sup>13</sup>, na sua





crónica de “*Lisboa de Quinhentos*”, referia ser um edifício de grandes proporções, especificando as suas estruturas e capacidades, afirmando “(...) *Aqui se amontoam armas de toda a espécie, máquinas bélicas, morteiros e tudo o mais que serve para combater por terra e mar, em tal quantidade que suplanta facilmente todos os arsenais, embora muito apetrechados e recheados, da Europa e Ásia. Vi eu, muitos desses museus de armas, mas o nosso é mais rico, não só pela quantidade das máquinas de guerra, como pelo número quase infinito de armas e lanças.*”<sup>14</sup>

A Poente da Casa da Índia, na Ribeira das Naus, designação que lhe terá sido dada desde D. Manuel I<sup>15</sup>, estavam os estaleiros, onde se encontrava o centro da actividade naval, estendendo-se desde a muralha Fernandina (construída entre 1373 e 1375<sup>16</sup>) até – já nos Sécs. XV e XVI – ao Paço da Ribeira, bordejando o Tejo em toda essa frente. Mais tarde, e como referimos em artigo anterior, a partir de finais do Séc. XVI, estava o soberbo Palácio Corte-Real<sup>17</sup> que delimitava a Poente toda a área dos estaleiros. A Ribeira era um amplo centro de construção e reparação onde trabalhavam mestres, tecelões e carpinteiros navais contratados, mas era, igualmente, o local onde se tratava do abastecimento das frotas e onde se realizava o alistamento de homens de mar, tripulantes e remadores, e onde se efectuava o controlo de condições de embarque e estivagem.

Em 14 de Novembro do ano do Terramoto, face à colossal amplitude da destruição de toda a zona, foi publicado um Alvará que determinava a (re)construção do Arsenal, cujas obras, contudo, apenas se iniciariam 4 anos depois em 1759, tendo-se o mesmo, progressivamente, adaptado às exigências das novas construções como sejam, já nos segundos e terceiro quartéis do Séc. XIX, os cruzadores e torpedeiros de casco de aço, e toda uma nova *tecnologia* de máquinas de grande potência<sup>18</sup>. Ressano Garcia<sup>19</sup>, Ministro da Marinha e Ultramar a partir de 23 de Fevereiro de 1889 no Governo de Luciano de Castro<sup>20</sup>, nomeou uma comissão para a elaboração de um novo Arsenal<sup>21</sup>, com maior capacidade, em trabalhos de um projecto que não conheceu efectiva concretização. Apenas mais tarde (1897), com o Ministro Jacinto Cândido da Silva<sup>22</sup>, foi nomeada uma outra comissão técni-

ca chefiada por um engenheiro francês, Alphonse Croneau, que esteve em funções até Abril de 1905, e no âmbito da qual se construíram no Arsenal vários cruzadores<sup>23</sup>, assim como canhoesiras-torpedeiros e lanchas-canhoesiras<sup>24</sup>.

No Arsenal esteve, durante muito tempo, a Sala do Risco, assim designada pelo facto de ali terem sido realizados os desenhos de Carlos Mardel e de Eugénio dos Santos aquando das obras de reconstrução no pós-Terramoto<sup>25</sup>, tendo sido fortemente afectada pelo gravíssimo incêndio ocorrido em 1916. Bem como no Arsenal funcionou a Insigne Escola Naval (nomeadamente nos espaços hoje ocupados pela Academia), desde a sua fundação no final do 2º quartel do Séc. XIX<sup>26</sup>, até ser transferida para a Base Naval em 1936, onde permanece.

## O PATRÃO-MOR DA RIBEIRA

É nas últimas vertentes acima referidas que releva, funcionalmente, a figura do *Patrão da Ribeira*<sup>27</sup>. A origem do cargo nos portos remonta aos finais do Séc. XVI, fase em que foi exponencial o aumento dos navios de transporte de cargas, e, conseqüentemente, do tráfego intercontinental de mercadorias, o que potenciou o acréscimo de estruturas portuárias, e de atracação de navios de maior porte. O Regimento do Paço da Madeira, de 23 de Fevereiro de 1604 validaria a antiga criação do lugar de *Patrão D’El Rei*, ainda no Reinado de D. João III – que reinou até Junho de 1557 –, no Arsenal da Ribeira das Naus, cargo que, mais tarde, por Decreto publicado no Regimento dos Armazéns da Guiné e da Índia de 17 de Março de 1674, viria a ser designado como de *Patrão-Mor*<sup>28</sup>, tendo-lhes sido definidas obrigações e competências<sup>29</sup>.

São – não é difícil constatá-lo – inúmeros os Decretos, Cartas Régias, Despachos e Alvarás Reais<sup>30</sup>, em especial nos Sécs. XVII e XVIII, que estabelecem requisitos e regras para o abastecimento, carga e descarga, controlo e inspecção de navios e mercadorias, e condições para navegar, dando instruções e ordens a vários órgãos públicos ligados à actividade marítima mercantil, como sejam o Desembargo



Foto SMOR L Almeida de Carvalho

Sala Nobre da Direção Geral da Autoridade Marítima (DGAM)





do Paço, o Provedor e os Oficiais da Alfândega<sup>31</sup>, os Oficiais da Casa do Paço de Madeira, o Almojarife da Fazenda, o Patrão da Ribeira, o Provedor e o Meirinho dos Armazéns e Escrivães e Feitores, mas também órgãos que tiveram o seu tempo histórico como a Casa do Porto. Como meros exemplos, além do referido Regimento do Paço, o Regimento de 3 Setembro de 1606, a Carta Régia de 30 de Setembro de 1612, as Cartas Régias de 22 de Setembro de 1620 e de 16 de Novembro de 1630, o Regimento dos Armazéns da Guiné e da Índia de 17 de Março de 1674, o Decreto de 20 de Julho de 1662, o Alvará de 4 de Junho de 1677, o Decreto de 25 de Janeiro de 1755, e os Alvarás Reais com Força de Lei de 27 de Setembro de 1756, de 1 de Fevereiro de 1758 e de 28 de Fevereiro de 1758, e de 20 de maio de 1811<sup>32</sup>.

Aquele Alvará Real com Força de Lei de 1 de Fevereiro de 1758, quanto a serviços prestados nos portos, excepcionava de serem inscritos num mesmo *Livro e Termo* (como já ocorria desde 16 de Junho de 1751 com a publicação do *Despacho do Tabaco*), e tal como era efectuado com os demais serviços, os *exames pessoais* a navios e embarcações efectuados pelo Patrão-Mor, pelo Escrivão da Provedoria e pelo Meirinho dos Armazéns, por estes não poderem ser supridos da mesma forma e "(...) *porque tais vistorias são demoradas, principalmente nas ocasiões de frotas*", onde a oportunidade e a dimensão dos serviços a prestar era, de facto, diferente.

O supramencionado Regimento dos Armazéns da Guiné e da Índia de 1674<sup>33</sup> foi, talvez, o primeiro documento jurídico que definiu, com maior rigor, o teor das funções do Patrão-Mor. Dotado de competências de controlo, de segurança e um amplo teor de tarefas técnicas e periciais, estava-lhe cometido arquear os navios comprados pela Fazenda Real e calcular o valor do respectivo aparelho, ferros e amarras, bem como avaliar os navios vendidos pela Coroa, sendo que, resultando dos seus cálculos prejuízos para os Cofres públicos, por eles era responsabilizado<sup>34</sup>. O Patrão acompanhava o Provedor dos Armazéns nas vistorias às naus da Índia e demais armadas, para verificação do aparelho, ferros e amarras, assim como tinha a obrigação de vistoriar os navios mercantes particulares<sup>35</sup> que seguiam para as possessões ultramarinas, função em que era acompanhado por um Escrivão e um Meirinho, registando os termos de vistorias em Livro próprio, juntando-se certidão do termo ao passaporte do navio que o capitão ou mestre tinha que apresentar, na sua largada, ao oficial na Torre de Belém.

## INTERESSE ARQUITECTÓNICO E ARTÍSTICO DO EDIFICADO

Todo o edificado pombalino da Ribeira das Naus encerra um acrescido valor histórico, que não se circunscreve aos Salões Nobres<sup>36</sup>, corredores de aparato e tectos com frescos, aos vitrais e aos gabinetes que desde o Séc. XVIII foram do Ministro da Marinha e do Ultramar, à escadaria monumental que tem a marca evidente de séculos de uso, à nossa Ilustre Casa da Balança<sup>37</sup>, à Doca de pedra, ao famoso túnel<sup>38</sup> de ligação do Arsenal à Praça do Município, à Bica mandada executar pelo Rei D. Miguel em 1832, ou mesmo à Caldeirinha fronteira ao Tejo mais recentemente recuperada e que, desde há séculos, se destinava a receber as embarcações de serviço mais pequenas<sup>39</sup>, onde aportavam em segurança.

O Ilustre Conselho do Almirantado<sup>40</sup>, instituído pelo Decreto de 25 de abril de 1795, do Príncipe D. João em nome da mãe, D. Maria I, chegou a ocupar parte dos espaços que são, actualmente, afectos ao Digníssimo Tribunal da Relação, ainda hoje existindo a tradição de que o varandim emoldurado que existe na parte superior das colunas de entrada do Arsenal pertencia à(s) sala(s) daquele Conselho. O que se sabe, igualmente, é que desde a edificação do Arsenal, nele foram instalados a Casa de Suplicação<sup>41</sup>, o Erário Régio e a Casa do Risco, os quais ocuparam os seus andares superiores, com entrada por parte da Praça do Município. Os requintadíssimos tectos<sup>42</sup> e salas de aparato da Relação são de uma impressionante beleza estética, constituindo um dos tesouros artísticos de parte do edificado do Arsenal, e que garantem uma superior dignidade institucional àquele Ilustre órgão judicial da Nação.

Mas, indubitavelmente, a grande relíquia artística do nosso Arsenal é a Capela de S. Roque, cujo impulso de construção teve origem na *Real Irmandade do Glorioso S. Roque dos Carpinteiros de Machado*<sup>43</sup>, cujos mestres, calafates e artesãos navais eram os construtores dos navios, classe à qual eram atribuídos vários privilégios profissionais<sup>44</sup> como sejam a isenção de pagamento de impostos e a prerrogativa especial de apenas responderem perante as suas hierarquias funcionais.

A Capela foi sagrada em 1761<sup>45</sup>, pelo Patriarca D. Francisco Saldanha da Gama.



Foto SMOR L Almeida de Carvalho

Capela de S. Roque



Caracterizada por uma acentuada estética de verticalidade, para aproveitamento do espaço edificado, acima do altar encontram-se as esculturas da Fé e da Esperança (com a âncora), atribuídas a Machado de Castro, o autor da estátua equestre de D. José I na Praça do Comércio, e ali se ostenta, no Retábulo, a soberba pintura de José da Costa Negreiros<sup>46</sup>, do Séc. XVIII, recentemente recuperada. Ainda durante o Séc. XVIII<sup>47</sup>, Giovanni Teodoro Grócio<sup>48</sup> foi o autor dos requintados trabalhos em estuque e gessos decorativos que se podem admirar no tecto da Capela. Já durante o segundo quartel do Séc. XIX, José Francisco de Freitas e Norberto José Ribeiro terminaram a decoração da Capela com pinturas decorativas e de ornato, dando ao espaço um elegantíssimo e venerável ambiente que lhe é muito próprio.

Todo o espaço da nossa Ilustre Casa representa para os que nela trabalham um orgulho e uma superior inspiração, magistral na sua estética pura e linear, e foi, e é, desde os tempos da velha Ribeira medieval, a base *sacral* para o que a Marinha, nestes mais de 7 séculos, cumpriu de serviço matricial à Nação e aos Portugueses.



**Dr. Luís da Costa Diogo**  
Diretor Jurídico da DGAM

**N.R.** O autor não adota o novo acordo ortográfico

## Notas

- Este artigo é, igualmente, uma homenagem ao conjunto de notáveis artigos que a Revista da Armada publicou nos anos oitenta, os quais foram coordenados pelos Comandantes Henrique da Fonseca e Agostinho de Sousa Mendes e que nos dão uma visão muito completa quer do espaço e do edificado, quer da historiografia dos acontecimentos mais relevantes.
- Ver o que desenvolvemos no "Manual de Direito Internacional" – TOMO II, Petrony, 2022.
- As guras para escoar a água das chuvas.
- Em especial no alinhamento do 1º andar.
- Que, no interior das suas instalações, se estende até à Praça do Comércio, com a porta e escadaria de acesso ao lado da entrada do antigo Ministério do Exército.
- A ligação da Marinha a este lugar mítico tem cerca de 700 anos.
- Meados do Séc. XIII, no tempo de D. Dinis.
- O Comandante Henrique da Fonseca, no seu artigo "A Ribeira das Naus", na Revista da Armada, refere que se alongavam desde a actual Rua do Ouro até um pouco mais a Oeste da Praça do Município.
- No largo de S. Julião, Igreja que já foi de traça Quinhentista, maneirista, sendo reconstruída em estilo pombalino e rococó, no pós-Terramoto.
- Cuja função primordial antes havia conhecido outras designações como Casa de Ceuta. A Casa da Índia sucedeu à Casa da Guiné, da Mina e da Índia, tendo sido criada em 1503 e construída junto do Paço da Ribeira desde os inícios do Séc. XVI, e permaneceu no local até ao Terramoto.
- Eram os armazéns de abastecimento da cidade.
- Posteriormente, a Relação de Lisboa.
- Citado pelo Comandante Henrique da Fonseca, no artigo antes referido.
- O célebre Cronista acrescentava, ainda, à sua descrição, que em várias dependências do Armazém estavam guardadas mais de 40.000 armaduras de Infantaria e mais de 3000 de Cavalaria, não contando com as que eram usadas em exercícios diários. Assim como lá estavam muitas peças de artilharia, morteiros, escorpiões, basiliscos, leões, colubrinhas, pedreiros, dispersores e bombardas de "(...) desconunal grandeza", tal como mencionou o Comandante Henrique da Fonseca ao citar Damião de Góis.
- Talvez até desde finais do Séc. XV.
- Uma imponente estrutura defensiva da cidade, sendo de muito maior extensão que a anterior Cerca Moura – aliás, era precisamente designada Cerca Nova de Lisboa –, existindo, ainda hoje, significativos vestígios entre a Rua da Mouraria e a Rua João do Outeiro, no Corpo Santo, o Arco do Penabuel, no centro comercial do Chiado e o troço da Rua do Alecrim, no Beco do Belo e ainda no pano ocidental dos jardins do Palácio Rosa.
- Sendo também (mais tarde) designado Paço do Infante porque nele residiu durante um determinado tempo o Príncipe D. Pedro (futuro D. Pedro II), tendo, aliás, isso obrigado a obras de acréscimo no palácio. Sendo a família apoiante da *causa filipina*, todo o edificado foi, após 1640, expropriado aos (então já) Marqueses de Castelo Rodrigo. Para maior aprofundamento, ver a colecção de desenhos e alçados do Paço existente na Biblioteca Nacional.
- Que substituiu, progressivamente, naqueles períodos, as fragatas e corvetas de construção em madeira.
- Engenheiro – posteriormente professor na Escola do Exército, deputado, Diretor-geral do Serviço geral de Obras e Ministro (por 2 vezes) – já com ampla experiência anterior na Repartição de Obras do Distrito de Lisboa. Tendo integrado, no decorrer da sua carreira, já em 1876, a Comissão encarregue do *Plano geral de Melhoramentos* da cidade, com uma intervenção muito relevante, designadamente, no Mercado da Ribeira Nova (inaugurado em 1881), no Plano de esgotos da cidade (1884), na própria Avenida da Liberdade (concluída em 1889) e na Praça Marquês de Pombal, ainda foi dele o impulso dado nos Bairros de Ourique e da Estefânia, entre muitas outras obras públicas.
- Governo que caiu praticamente 1 ano depois devido ao ultimato inglês de 1890.
- Sublinhe-se que havia sido a 1 de Dezembro de 1892, sob a tutela do Ministro Ferreira do Amaral, que foi publicado o Decreto que reorganizava o Serviços da Autoridade Marítima, tendo-se publicado um verdadeiro Código Marítimo com 329 artigos.
- O qual, durante a sua carreira, tinha sido chefe de uma das Repartições da Direcção-geral da Marinha e do Ultramar, bem como ajudante do Procurador-Geral da Coroa.
- Designadamente, o D. Amélia, no Arsenal, um marco para a indústria naval nacional. De facto, a acção do Ministro foi de grande relevância no âmbito da construção dos cruzadores: o D. Carlos, construído em estaleiros ingleses, e o S. Gabriel e o S. Rafael em estaleiros franceses, considerando-se, ainda, os processos de reconstrução do Vasco da Gama e do Adamastor.
- Para maior desenvolvimento deste âmbito, ver o interessantíssimo artigo do Comandante Henrique da Fonseca "O Arsenal da Marinha, Ministério da Marinha, Edifício da Marinha. Subsídios para a sua história - II", na Revista da Armada, N° 123, Dezembro, 1981.

- Que já abordámos em artigo anterior.
- Por Carta de Lei de D. Maria II, de 23 de Abril de 1845, embora tivesse antecedentes muito mais antigos como a *Academia Real de Marinha*, instituída em 1779, por Melo e Castro, e a *Academia Real dos Guardas-Marinhas*, a 1 de Abril de 1796, por D. Maria I.
- Para maior aprofundamento, ver o estudo que aduzimos no "Manual de Direito Internacional", no TOMO II" antes referenciado.
- Este cargo não corresponde, naturalmente, à função técnica de Patrão-Mor hoje existente nas Capitánias, embora, como ponto comum entre ambos, haja a competência para realizar alguns actos técnicos, especificamente vistorias e verificações a embarcações.
- O Patrão-Mor constitui, pois, funcionalmente, desde o Séc. XVI, a origem do exercício de uma função específica construída para disciplinar a navegação e vistoriar as condições de navegabilidade dos navios, estando-lhe cometidas, num núcleo funcional mais restrito, um conjunto de funções no âmbito da segurança dos navios, tais como promover e realizar visitas, exames e vistorias a navios e embarcações, e assegurar fundeadouros e *querenas*.
- Acervo documental (pesquisas efectuadas) existente na Direcção-Geral da Autoridade Marítima (DGAM).
- E a Casa de Descarga da Alfândega.
- Para aprofundamento e conhecimento de outros Despachos, Decretos e Alarás, ver Ordens da Armada de 1851-54, de 1866-67, e 1877, e Diários do Governo de 1855, 1856 e 1887, bem como é útil consultar a extensa Colectânea de Legislação Marítima de 1867 até 1935, espólio da Direcção Jurídica da DGAM.
- Mais desenvolvimentos em "Colecção de Regimentos Reais", de António Manescal, Biblioteca Central de Marinha.
- Nas fainas marítimas na Ribeira, ainda informava o oficial que tinha por missão exarar o rol do pessoal e acompanhava os trabalhos, no sentido de avaliar o merecimento do pessoal de mar para efeitos de atribuição das compensações.
- Outra das suas funções era acompanhar o *Guarda-Mor das naus da Índia e armadas* (um oficial da Coroa) e o seu Escrivão, para dar parecer sobre que lugares deviam ser destinados aos tripulantes, religiosos e outro pessoal que era destinado a prestar serviço nas possessões ultramarinas, ficando tudo registado em Livro próprio, por todos assinado, matéria também desenvolvida pelo Comandante Henrique da Fonseca no artigo acima referenciado.
- Designadamente, o elegantíssimo Salão Nobre da DGAM é de um equilíbrio estético muito notório, tem as suas raízes em finais do Séc. XVIII/inícios do Séc. XIX, e foi reconfigurado, em termos do seu acabamento artístico, em meados do Séc. XX, o que é fácil constatar pela simbologia que a parte superior da lareira ostenta.
- Onde se encontrava a balança que pesava as cargas que, designadamente, seguiam para bordo dos navios após controlo alfandegário, do Meirinho dos Armazéns e, no aplicável, do Patrão-Mor.
- Pelo qual, a 1 de Fevereiro de 1908, data do Regicídio, entrou o landau Real com D. Carlos (já morto), a Rainha e os Príncipes.
- E onde, por exemplo, Mouzinho de Albuquerque aportou e foi recebido pelo Rei e por elementos da Corte quando regressou da sua relevantíssima missão de Comissário Régio em Moçambique.
- Sendo-lhe cometida a administração superior da Marinha, no que se substituiu à anterior função de *Capitão-General da Armada Real* como a mais alta autoridade naval, tendo, posteriormente, obtido a dignidade funcional de tribunal régio, o que colocava o Conselho sob a autoridade directa do Rei.
- Mais tarde, por via do Ministro da Justiça (1832-34), José da Silva Carvalho, Tribunal da Relação, que ainda hoje ocupa aquelas instalações.
- Numa estética em linguagem barroca.
- Congregação constituída formalmente em 1570. Esta Irmandade havia contribuído, de forma decisiva, para a construção da Ermida de S. Roque, ao pé da Misericórdia, no primeiro quartel do Séc. XVI, como bem ensina o Comandante Rocha e Abreu (ver a sua excelente intervenção em *Visita Guiada* ao Arsenal da Marinha), então em agradecimento ao santo para protecção dos males da peste que chegava por via marítima (mais tarde, já com os Jesuítas, foi edificada a belíssima Igreja de S. Roque, que hoje ali se encontra). No pós-Terramoto, a Irmandade pediu ao Rei para ocupar o espaço no Arsenal, perto de onde exerciam os seus ofícios, para ali construírem – primeiramente – uma capela de madeira, o que, lhes foi concedido por Alvará Régio. Posteriormente, evoluiu para o belíssimo monumento que hoje ali se encontra.
- D. Manuel, aliás, já lhes tinha concedido privilégios vários mesmo antes de ter a sua residência Real no Paço da Ribeira.
- Tal como consta do *Livro de Registos de Provisões*, 1760-1766, conforme informação exarada pela Irmandade na sua divulgação oficial.
- Reputadíssimo pintor com trabalhos em vários palácios e igrejas, designadamente nos tectos do Palácio Correio-Mor, na Sé, na Igreja de S. Domingos, no Senado da Câmara e no Santuário Jesus da Pedra em Óbidos.
- O belíssimo púlpito e o Coro alto foram realizados em 1777.
- Célebre escultor de especialidade, e autor de trabalhos decorativos no Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras, bem como, entre outros, no Palácio Fronteira e no Palácio Correio-Mor.





# MARINHA E DIREÇÃO-GERAL DE RECURSOS NATURAIS, SEGURANÇA E SERVIÇOS MARÍTIMOS

## ASSINATURA DE PROTOCOLO

No passado dia 26 de setembro, realizou-se no Aquário Vasco da Gama (AVG) a cerimónia de assinatura de um protocolo entre a Marinha Portuguesa e a Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM).

A assinatura deste acordo marca um passo decisivo na valorização e modernização desta instituição histórica, reforçando a sua missão de sensibilização e educação ambiental.

Estiveram presentes várias entidades com ligação aos assuntos do mar destacando-se o Diretor-geral da DGRM, VALM Coelho Cândido, e pela Marinha, o Diretor Cultural da Marinha, VALM Bastos Ribeiro e o Diretor-geral do Instituto Hidrográfico (IH), CALM Ramalho Marreiros, cuja presença sublinhou o papel essencial da ciência no enquadramento deste protocolo. Contou-se ainda com a presença do Coordenador da Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental, VALM Ventura Soares e a Diretora-geral de Política do Mar, Eng.ª Marisa Lameiras da Silva.

Durante as intervenções, foi salientada a relevância histórica e estratégica do AVG como instrumento de divulgação científica e cultural. Fundado em 1898 por iniciativa de Sua Majestade o Rei D. Carlos I, pioneiro da investigação oceanográfica em Portugal, o AVG é hoje o aquário em funcionamento mais antigo do mundo. Ao longo de mais de um século, tem desempenhado um papel singular na promoção da literacia do mar, recebendo anualmente dezenas de milhares de visitantes, entre estudantes, investigadores, famílias e turistas.

O protocolo agora estabelecido, atribui ao AVG novas capacidades no domínio da divulgação das Áreas Marinhas Protegidas (AMP), alinhando-se com os compromissos assumidos por Portugal no quadro da Agenda Climática e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

As AMP constituem um instrumento central de conservação marinha, essenciais para a preservação da biodiversidade, para a reposição dos recursos pesqueiros e para a mitigação dos efeitos das alterações climáticas. Portugal assumiu compromissos internacionais ambiciosos nesta matéria, estabelecendo metas claras para a criação, gestão eficaz e divulgação das AMP.

Cumprir estas obrigações é, não apenas uma responsabilidade perante a comunidade internacional, mas também uma oportunidade para projetar o país como referência global na proteção dos oceanos e da economia azul.

Neste quadro, o IH desempenhará um papel fundamental, assegurando o rigor científico e técnico que sustentará os conteúdos a divulgar no AVG. O envolvimento desta instituição garantirá que a transmissão de conhecimento ao público assentará em bases sólidas de investigação e monitorização oceânica, reforçando a credibilidade e a utilidade prática desta nova capacidade.

Com esta iniciativa, o AVG afirma-se como um espaço privilegiado para sensibilizar e mobilizar a sociedade em torno da importância do oceano e da sustentabilidade. A integração de conteúdos pedagógicos e científicos sobre as AMP nas suas exposições permitirá que cada visitante leve consigo uma mensagem clara, conhecer para valorizar, valorizar para proteger.

Este protocolo simboliza assim, a cooperação entre a Marinha Portuguesa e a DGRM visando um futuro conjunto, reforçando o papel do AVG como plataforma de ciência, educação e cultura marítima ao serviço de Portugal e do futuro sustentável dos oceanos.



Colaboração do **AQUÁRIO VASCO DA GAMA**



# MARINHA E INEM

## PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO

No dia 29 de setembro de 2025, o COM Diretor de Saúde António de Oliveira Anão e o TCOR Sérgio Dias Janeiro, Presidente do Conselho Diretivo do Instituto Nacional de Emergência Médica, I.P. (INEM), na presença do CFR Hélder Duarte e Silva, Diretor do Centro de Medicina Naval, assinaram um Protocolo de Colaboração entre a Marinha e o INEM no âmbito da Formação.

Este protocolo tem como objetivo potenciar, de forma recíproca, as capacidades formativas de ambas as entidades. Assim, médicos e enfermeiros da Marinha terão a possibilidade de frequentar o Curso de Viatura Médica de Emergência e Reanimação, bem como o Curso de Suporte Imediato de Vida para Enfermeiros de Ambulância de Suporte Imediato de Vida.

Por sua vez, aos profissionais do INEM será facultada a oportunidade de frequentar o Curso de Aperfeiçoamento em Abandono de Aeronave em Imersão e o Curso de Aperfeiçoamento em Fatores Humanos, bem como Estágios em Liderança. No âmbito da Limitação de Avarias, será ainda possibilitado o acesso ao Curso de Aperfeiçoamento em Técnicas de Combate a Incêndios com Meios de Primeira Intervenção.

Com a formalização desta cooperação, ambas as entidades reconhecem as vantagens inerentes à partilha de conhecimento especializado e diferenciado na área da saúde e em matérias correlacionadas.



Colaboração da **DIREÇÃO DE SAÚDE**



agenda  
**Cultural**  
**Marinha**



AQUÁRIO VASCO  
DA GAMA



BANDA  
DA ARMADA



BIBLIOTECA CENTRAL  
DE MARINHA



FRAGATA  
D. FERNANDO II  
E GLÓRIA



MUSEU  
DE MARINHA



PLANETÁRIO  
DE MARINHA

JANEIRO



SÁB  
24

15h00

Concerto da Banda da Armada no Museu de Marinha - Pavilhão das Galeotas,  
inserido no Centésimo Aniversário do Rotary Clube de Lisboa

BANDA  
DA ARMADA





# PASSAGEM À RESERVA DE DISPONIBILIDADE

## VALORIZAÇÃO DO SERVIÇO PRESTADO POR MILITARES DO REGIME DE CONTRATO

O ano de 2025 marcou a transição para a Reserva de Disponibilidade (RD) de 48 militares do Regime de Contrato da categoria de Praças, que concluíram o período máximo de prestação de serviço na Marinha Portuguesa. Este momento simboliza o encerramento de uma etapa relevante nas suas vidas e o reconhecimento pelo serviço prestado à Marinha e a Portugal.

A Direção de Pessoal, através do Gabinete de Carreiras e Recolocação Externa, tem procurado valorizar este marco na carreira dos militares que terminam o Regime de Contrato, promovendo também ações de reconhecimento e divulgação de oportunidades de reintegração profissional, tanto no seio da instituição como na sociedade civil, com o objetivo de fomentar a adesão à plataforma “Oportunidades Profissionais” (disponível em <https://posrcadmin.marinha.pt>) e incentivar a continuidade do vínculo com a Marinha ou a sua integração em novos contextos profissionais.

Ao longo dos anos de serviço, estes militares desempenharam funções diversificadas em múltiplas áreas e unidades da Marinha — quer embarcados nos navios da Esquadra, quer integrando unidades de Fuzileiros e Mergulhadores, ou prestando serviço em Estabelecimentos e Órgãos em terra, tanto no continente como nos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Em todas as missões, contribuíram de forma decisiva para garantir a soberania nacional, reforçar a presença de Portugal no mar e assegurar a execução das múltiplas tarefas que cabem à Marinha.

Presidindo à cerimónia de despedida que teve lugar em 9 de outubro de 2025, o COM David Almeida Pereira, Diretor de Pessoal, destacou o valor do percurso dos militares e o exemplo que deixam na Instituição. Sublinhou o “momento marcante que representa esta transição, não apenas para os militares que cessam o serviço, mas também para a Marinha, que os recrutou, formou e acompanhou ao longo das suas carreiras”. Nas suas palavras, evidenciou a impor-

tância da camaradagem, do espírito de entreajuda, da coragem e da dedicação com que todos serviram, tanto no mar como em terra, cumprindo sempre com empenho e sentido de missão.

O Diretor de Pessoal expressou ainda o reconhecimento da Marinha às famílias destes militares, “que os apoiaram, compreenderam as ausências e partilharam o sacrifício inerente à vida militar”, sublinhando que “chega agora o tempo de retribuir esse apoio com mais presença e tranquilidade”.

Foi igualmente recordado que os militares agora na Reserva de Disponibilidade podem continuar a servir o País nos Quadros Permanentes, beneficiando de um regime preferencial de 30% das vagas em concursos internos ao abrigo do Regulamento de Incentivos à Prestação de Serviço Militar nos Regimes de Contrato.

Para os que optam por abraçar novos desafios na vida civil, a Marinha reconhece que as competências adquiridas — disciplina, responsabilidade, espírito de missão e capacidade de trabalho em equipa — serão, sem dúvida, trunfos valorizados pela sociedade e pelo mercado de trabalho. Estes militares são também embaixadores da instituição, com o papel de transmitir aos mais jovens o orgulho e a honra de servir sob o símbolo do botão de âncora, contribuindo assim para o recrutamento.

Cumprida esta etapa, cabe agora a cada um dos militares levar consigo os valores da Marinha e a divisa do Infante Dom Henrique, “*Talant de bien faire*” — a vontade de bem fazer —, continuando a servir o País, seja no uniforme da Marinha ou na sociedade civil, com o mesmo espírito de dedicação e lealdade que os caracterizou ao longo da sua carreira militar.



Colaboração da **DIREÇÃO DE PESSOAL**





## CONVÍVIOS E ENCONTROS

### INSPEÇÃO DE REPARAÇÃO DE SUBMARINOS EVOCAÇÃO DA MODERNIZAÇÃO DOS SUBMARINOS DA CLASSE ALBACORA (1980/90)



No início do ano de 2025 reuniram-se em agradável convívio acompanhados das suas mulheres sob os auspícios do mítico *'Albino Cunha'*, alguns dos oficiais que realizaram a modernização dos submarinos da Classe *Albacora*, entregues à Marinha nos finais dos anos 60, o que permitiu prolongar a sua vida útil até 2010 melhorando as suas capacidades operacionais. Essa modernização incluiu melhoramentos nos sistemas de sonares e sensores, a substituição do sistema de comunicações por um moderno sistema produzido em Portugal, a modernização do sistema de combate e de navegação bem como a melhoria substancial dos sistemas de segurança em imersão e de salvamento.

A Inspeção de Reparação de Submarinos (IRS) foi uma organização do Arsenal do Alfeite, constituída por oficiais e sargentos especializados, concentrando as funções de direção técnica, organismo abastecedor de todos os materiais de construção e sobressalentes bem como o organismo reparador, sendo o fulcro e garante da segurança em imersão, um sucesso durante 40 anos.

### “FILHOS DA ESCOLA” DE 1986

Decorreu no passado dia 7 de junho em Castelo de Vide o almoço/convívio dos “Filhos da Escola” de 1986.

Este encontro, que contou com a presença de muitos convivas, foi presidido pelo Almirante Mendes Calado acompanhado pela sua esposa. O programa contou com uma visita à casa Cidadania Salgueiro Maia, com uma homenagem ao seu túmulo.

No final do encontro, o Almirante Mendes Calado discursou perante todos os presentes saudando e elogiando a iniciativa, não deixando de exortar que nunca se perca o sabor do mar e o saudável espírito de camaradagem e amizade de quem serviu ou serve a Marinha.

Ficou a promessa de novo encontro em 6 de junho 2026.



### ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS DE MANGUALDE 8º ENCONTRO

No passado dia 10 de junho decorreu o 8º Encontro da Associação dos Marinheiros de Mangualde que reuniu mais de uma centena de marinheiros e convidados, num momento de confraternização e homenagem. O programa do encontro contou com a deposição de uma palma de flores no Memorial da Marinha, em memória dos marinheiros que já partiram, assinalando com simbolismo o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas — uma efeméride de profundo significado para todos os que partilham a identidade e cultura portuguesas.

Amândio Nascimento  
SCH M REF







## O ALCACHE

### 30º ANIVERSÁRIO



A Direção da Associação de Ex-Marinheiros da Armada do distrito de Setúbal O Alcache, comemorou no passado dia 12 de julho o seu 30º aniversário com um convívio que reuniu ex-camaradas, familiares e amigos.

Num ambiente de sã camaradagem o encontro decorreu em ambiente de muita amizade.

A confraternização começou com uma cerimónia evocativa, onde se prestou homenagem aos que já partiram.

Um dos momentos mais marcantes foi a entoação uníssona da “Marcha dos Marinheiros”, cantada com emoção e força por todos os presentes.

A celebração dos 30 anos da Associação não foi apenas um marco no calendário, foi a confirmação de que a irmandade entre nós continua bem viva.

## 7ª INCORPORAÇÃO DE 1995

### 30º ANIVERSÁRIO



Realizou-se no passado dia 17 de agosto um almoço/convívio da 7ª incorporação de 1995, assinalando o seu 30º aniversário de entrada na Marinha.

O programa do encontro iniciou-se com uma visita às antigas instalações do Grupo Nº 1 de Escolas da Armada e seguindo-se o almoço no Restaurante *Quinta Moinho da Praia* no Samoco.

O convívio decorreu em ambiente de sã camaradagem e amizade, revivendo-se os tempos da recruta com a passagem de um filme e fotografias, partilhando-se as vivências desses tempos.

## 60 ANOS DE CAMARADAGEM

### E ESPÍRITO DE MISSÃO

#### 1965-2025



Assinalaram-se recentemente 60 anos sobre a incorporação de um grupo de marinheiros na Marinha Portuguesa, que serviram com dedicação, coragem e sentido de dever.

A efeméride, realizada no dia 26 de outubro de 2025, foi celebrada num convívio que reuniu antigos camaradas, familiares e amigos, marcado pela emoção e pela recordação dos tempos de serviço e de vida no mar e em terra.

Entre memórias partilhadas e reencontros sentidos, destacou-se o firme propósito de manter viva a ligação à Marinha e à Pátria, onde o espírito naval e a camaradagem sempre os uniu.



## RENOVADAS HISTÓRIAS DA BOTICA ~ 88

# ÀS VEZES FALAMOS SOZINHOS AO VENTO

*"Se fosse possível condensar  
todo o sofrimento em palavras,  
seria possível compreender o mar...  
e a vida..."*

*In vozes esquecidas, Daniel Pedro, 1995*

Todos os meus fiéis leitores sabem que há mistérios insondáveis e verdades incompreensíveis. A frase acima, retirada de livro esquecido, de poeta obscuro, parece arrancada do meu extenso caderno de anotações, enquanto navegava numa corveta, velha, como todas em que naveguei...

Passei horas infindáveis na Tolda, a navegar. A maior parte das vezes em silêncio. Rabiscava aqui e acolá um pensamento... Reparava na cor do mar, no sabor do ar, no cheiro da maresia e no sentir do sal... Transportado pelo vento, em dias de maior agitação, que nos batia na cara, dizendo-nos "acorda e vê a beleza de tudo isto".

Alguns marinheiros comentavam em surdina e provavelmente estariam certos:

- O Doutor ensandeceu... Passa o tempo a olhar o vazio...
- Eles nunca são muito bons da cabeça.... Repetia outro!

Outras vezes, sem ninguém por perto, falava ao vento. Sentia (e muitas vezes ainda sinto), que o vento vem de lugares longínquos, de onde outros vivem e morrem ... Carrega, num só veículo, os cheiros de desertos longínquos e o frio das regiões polares... Pode ser dócil, mas também violento...

O vento transmite os segredos desses lugares e é capaz de os transmitir em pequenas palavras, sons, ou sentimentos, embora seja necessária uma sintonia precisa, uma espécie de linguagem gestual, sem gestos, só atenção e sentimento. Para compreender o vento e o seu melhor amigo, o mar, é preciso ter alma singela e conhecer bem a diferença entre o isolamento e a solidão. Alguns dizem que é preciso ser poeta, mas eu e o DOC, sabemos que não é assim. Para compreender o vento é só preciso sair de si próprio...

Por vezes ousei falar ao vento na Solidão na Tolda. Nem sei bem porque o fazia. Falava ao vento e falava às gaivotas, falava ao mar e falava ao cume do Pico, que é a montanha que está na Ilha do Pico. Todavia, quem já navegou naquelas águas sente que o Pico Montanha e a Ilha do Pico têm um sentir diferente, não têm a mesma alma. A luz, ao fim da tarde, e logo pela manhã, concede majestade à primeira entidade, para a retirar à seguinte... Falava ao meu medo e falava à minha esperança. Falava a mim próprio. Falava ao meu desencanto.

Entretanto, ia rabiscando a minha sebenta pessoal. Dedi-quei ao vento todos os dias em que estive morto e ressuscitei, assim a morte não me será estranha, já que a morte nos devia ser tão familiar como a vida. Esse é o sentimento mais importante que devia atravessar a vida de um clínico...

Nessas conversas, com o vento, o meu caderno e o mar, constatei que os continentes afundados ressurgiram, só para voltar a afundar, e até os dinossauros voltaram à nossa vida... Só para me fazer compreender os monstros que existem, ainda hoje, em cada um de nós...







Na maior parte das viagens, encantava-me com aquele pedaço de espuma, aquela gaivota – tão longe de terra – e os lendários peixes voadores, de mística inextinguível. Contudo, lá numa amarfanhada página, da minha lenda sebenta, se escreveu em determinado dia, que não somos só carne, artérias e nervos... Que nunca nos devemos prender a quem somos fisicamente, pois se acreditarmos no vento e no sentir do mar, seremos de algum modo, sempre livres...

Então, de repente, numa manhã luminosa a navegar todo o sentir, todo o sofrimento fazia sentido... Nesse dia o rodopiar dançante das ondas, pareceu ainda mais distinto, mais belo, e senti-me feliz, só por estar vivo. Terei mesmo cantarelado, pois a música é de facto “uma constante da vida” ... também da minha vida...

Passou o Imediato, alertado por outros para a minha desusada solidão dos últimos dias. Ouviu sons que saíam da minha boca, que não descortinou e perguntou decidido:

– Então com quem falas?

– Nem sei bem, falava ao vento e falava às gaivotas, falava ao mar e falava ao cume do Pico, que é a montanha que está na Ilha do Pico, mas não são a mesma coisa” – retorquiu eu sério e decidido.

Ele claro, saiu espantado e, provavelmente, ainda hoje não percebeu inteiramente a resposta.

Bem vê o leitor anónimo que não lhe podia dizer que falava ao meu medo e falava à minha esperança. Falava a

mim próprio. Falava ao meu desencanto e perplexidade. Falava ao vento de um novo entendimento, em que toda a minha vida se baseou no que com a alma conquistei e não dos talentos que me ofereceram, ou que herdei... Ainda não compreendo totalmente o mar e a vida – é um labor contínuo – mas os diálogos com o vento nunca deixaram de me surpreender...

Acabo esta história a sorrir na certeza de que muitos dos meus leitores, talvez até os mais instruídos, não percebiam o seu sentir profundo – ousa mesmo dizer, poético. Não seria de esperar outro tanto, pois para compreender as linguagens e os sinais do mundo é preciso despir o Eu de si próprio e isso é difícil para muitos (...senão mesmo impossível num tempo cheio de “certezas” e “garantias”, o lugar que tantos criaram para si próprios).

Tenho a certeza de que os mais humildes, que passam pela vida descalços para sentir o passar dos dias, compreenderão a mensagem. Os outros aceitarão, por favor, que não passo de um “Come-e-Dorme”, sem estudos para mais, inculto, na estranheza habitual que caracteriza o DOC...

Resta agradecer à Marinha, o conhecimento que facilitou do mar, da vida e, claro do vento, do qual ainda sou (...e serei sempre) grande confidente.



Doc



## NÚCLEO DE RADIOAMADORES DA ARMADA

Em 30 de julho de 2025 o Núcleo de Radioamadores da Armada (NRA) recebeu o CEMA e AMN, Almirante Nobre de Sousa, que se inteirou das suas infraestruturas e das atividades em curso, tendo esta visita permitido o apoio à manutenção das instalações e torres de suporte das antenas.

O NRA tem vindo gradualmente a intensificar a sua presença e inovação no panorama do rádio amadorismo nacional e internacional com diversas iniciativas realizadas ao longo de 2025.

Nos dias 17, 18 e 19 de outubro marcou presença no *Jamboree no Ar – 2025*, apoiando e dando a conhecer aos jovens escuteiros as práticas, as valências e o espírito do rádio amadorismo.

Em matéria tecnológica o Núcleo destacou-se como pioneiro na implantação da rede “Hamnet” (*Highspeed Amateur Radio Multimedia NETWORK*) em Portugal (espécie de *Internet* que utiliza uma gama especial de endereços IP (iniciados por 44), ligando esta a nível mundial, as Associações e os rádios amadores. O NRA disponibilizou à comunidade de rádio amadores um servidor de tempo NTP de estrato 1 com recetor GNSS integrado, garantindo assim uma sincronização temporal precisa e fiável. Foram igualmente instalados sistemas de UPS (unidades de energia alternativa) na sede, na Fragata *D. Fernando II e Glória* e no Submarino (ex-*Barracuda*), afim de assegurar a continuidade opera-



cional dos *rádio-links*, *Internet* e respetivos servidores de apoio.

No plano internacional, o NRA participou no *International Naval Contest* (INC), realizado nos dias 13 e 14 de dezembro, nos modos CW, SSB e Misto. A organização deste concurso que coube à *Associazione Radioamatori di Marinai Italiani* (ARMI) e foi realizado por radioamadores de várias Marinhas.

Em 2028 o NRA terá, pela terceira vez, o privilégio de organizar e ativar o *International Naval Contest*, reforçando assim o prestígio de Portugal e dos militares radioamadores e não radioamadores que servem ou serviram nas Forças Armadas. Apesar do seu cariz naval, o Regulamento do *International Naval Contest* permite a participação de qualquer estação “civil” radioamadora, alargando exponencialmente o alcance da iniciativa bem como a promoção do intercâmbio internacional.

Mais informações disponíveis em [www.nra.pt](http://www.nra.pt)



Colaboração do NRA



## VIGIA DA HISTÓRIA ~ 150

# MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

**E**m 1593 a nau *S. Alberto*, de que era Capitão Julião de Faria Cerveira, quando regressava da Índia naufragou antes de haver passado o Cabo da Boa Esperança. A descrição do naufrágio e o relato da marcha empreendida pelos sobreviventes é um dos muitos episódios que integra a História Trágico Marítima. Salvo 63 pessoas, 28 portugueses e 35 escravos que, no momento do naufrágio, se lançaram ao mar e pereceram afogados, os restantes que efectuaram a marcha, sob o comando de Nuno Velho Pereira, salvaram-se com excepção de 8, na realidade um número muito pequeno se comparado com outros naufrágios.

Estou em crer ter sido o sucesso desta acção que esteve na origem da elaboração, por parte de Matias de Albuquerque Vice-Rei da Índia, de um Regimento para passar a ser cumprido na eventualidade de ocorrência de idênticas circunstâncias.

O Regimento em causa, que poderá ser hoje perfeitamente classificado como um Manual de Sobrevivência, era constituído, no essencial, por duas partes distintas, uma de características normativas e a outra meramente informativa.

Enquadram-se no primeiro grupo as seguintes regras:

- Deveria ser proibido e impedido que alguém se lançasse ao mar no momento do Naufrágio;
- Os sobreviventes deveriam ser obrigados a manufacturar alforques por forma a que neles pudessem ser transportadas mercadorias e outros bens;
- Dever-se-ia proceder à nomeação de um Capitão para dirigir a marcha, bem como Capitães de quarto;
- No decurso da marcha a coluna deveria ser encabeçada pelo piloto do navio, seguido de alguns homens armados com espingardas;
- A marcha não deveria ser feita pela praia;
- Quando em terra e durante o percurso dever-se-ia procurar o estabelecimento de relações amigáveis com as populações encontradas;

- Tanto cedo quanto possível deveria proceder-se à aquisição de gado julgado suficiente para as necessidades alimentares dos sobreviventes.

Já no que se refere às informações disponibilizadas merecem relevo as seguintes:

- Indicação do tipo e quantidades de mercadorias e bens necessários para a efectivação das trocas comerciais com os indígenas locais;
- Indicação dos valores a pagar nas transacções com as populações locais;
- Referenciação das balizas necessárias para o controlo da marcha e bem assim das respectivas distâncias entre elas;
- Identificação dos vários potentados locais ao longo do percurso;
- Pequeno glossário dos nomes de vários bens essenciais, em cada um dos dialectos locais.

Não pode deixar de constituir motivo de reflexão o facto de que o Regimento em causa, que constitui uma peça do mais elementar bom senso, não só face ao número de naufrágios verificados, como de mortes ocorridas aquando do naufrágio e no processo de salvamento, não parece ter sido alguma vez posto em prática, continuando a verificar-se muitos dos procedimentos que deveriam ser evitados e sem cuidar de seguir as indicações referidas, com todas as consequências daí decorrentes.



**Cmdt E. Gomes**

**Fonte:** Biblioteca de Ajuda 52 – VIII – 58

**N.R.** O autor não adota o novo acordo ortográfico



Shipwreck on the coast of Norway | Johan Christian Dahl  
The National Museum of Art, Architecture and Design





## QUARTO DE FOLGA

## JOGUEMOS O BRIDGE

## Nº 11

Num leilão a dois, Norte abre em 1♠ ao que Sul respondeu 2♣, que promete um mínimo de 5 cartas; depois de Norte mostrar a força de inversa da sua mão (18 ou mais pontos), o leilão termina com Sul a marcar o arrojado contrato de 6♣, mesmo não tendo a garantia de o parceiro ter pelo menos 3 cartas (o que efectivamente não é o caso), tendo recebido a saída ao R♥. Analise atentamente as 2 mãos e decida qual a melhor linha de jogo para conseguir cumprir o contrato.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N° 11

[illegible]

NORTE (N)			
♠	♥	♦	♣
A	A	A	R
K		7	3
10		4	
7		3	
4			
2			

















  

SUL (S)			
♠	♥	♦	♣
8	V	R	A
	8	6	V
	7	5	D
	3		9
			2

Nascimento Coelho  
Ex-CTEN AN

## SOPA DE LETRAS

## N° 28

	SOLINHAR		SOVINA
	SONAR		TALHA
	TABUADO		TANCAR
	ULTRAMAR		URCA
	VALAR		UPA
	VAGA		VAGALHÃO
	VIOLE		VOGAR
	VIVO		SOLEIRA

A	C	U	T	V	A	L	A	R	I	E	L	O	S
R	U	A	E	A	A	P	A	I	S	L	U	D	O
A	M	I	S	G	M	A	N	R	I	O	T	A	V
M	U	O	T	A	A	R	A	A	S	I	I	U	I
A	I	V	A	L	R	A	T	C	T	V	A	B	N
R	O	I	N	H	E	G	A	N	E	U	G	A	A
T	T	V	T	A	L	O	L	A	H	L	A	T	S
L	S	U	E	O	O	V	I	T	M	O	V	I	S
U	R	C	A	S	I	S	A	U	D	A	A	P	U
S	O	L	I	N	H	A	R	T	S	O	N	A	R

**Dias Matias**  
SCH CM

## SUDOKU

## N° 121

[illegible]

FÁCIL

DIFÍCIL

						2	1
9		2	8			5	6
	5				3		
3						8	
1					6		
			3	4	2		
8				5			9
		3					
5			7	3	4		

5			1	3			
8							7
			9		5		
				2		6	1
				9			4
2	4	3					5
	1		7	5		4	
					4	7	5
					2		3

FÁCIL

DIFÍCIL



## NOTÍCIAS PESSOAIS

### NOMEAÇÕES

COM AN Luís Miguel Cardoso Pércio Bessa Pacheco, Comandante da Escola Naval • CMG M Henrique Jorge Jones Alves, para o cargo «121.110.001 – Adido de Defesa» no Gabinete do Adido de Defesa junto da Embaixada de Portugal em Argel, Argélia, acumulando com Idênticas Funções em Bamako, em Niamei e em Trípoli • CMG M Rui Pedro Nabais Nunes Ferreira, para o cargo «121.120.001 – Adido de Defesa» na Guiné-Bissau, acumulando com Idênticas Funções em Abuja e Dakar • CMG M Dário de Oliveira Pinto Moreira, para o cargo «121.155.001 – Adido de Defesa» no Gabinete do Adido de Defesa junto da Embaixada de Portugal em Paris, França, acumulando com Idênticas Funções em Atenas, Grécia, na Haia, Países Baixos, e em Roma, Itália • CFR M Paulo Ricardo Oliveira Macedo da Silva, Comandante do NRP *Tridente*, em acumulação de funções com o cargo de Comandante do NRP *Arpão*.

### RESERVA

CMG AN Carlos Manuel Pereira Mendes • CMG AN Paulo Filipe da Graça Barreiro • CMG AN Paulo José Neves Correia • CMG AN Octávio Manuel da Costa • CMG AN

Eduardo Jorge Calado Marques • CMG M Nuno Manuel Gomes Sousa Rodrigues • CMG AN Nuno Pedro Nogueira Machita Santos • CFR TSN Mariana Cirne de Vasconcelos Araújo de Brito • SMOR ETA Rui Manuel Oliveira Amara Mendes • SMOR MQ Sérgio Manuel Gomes Costa • SCH ETI Nuno Miguel de Carvalho Soares • SAJ MQ Jorge Joaquim Saavedra Teixeira • SAJ CM Domingos Manuel Rodrigues Janeiro.

### FALECIDOS

22754 CALM M REF Joaquim Manuel Barreiros Espadinha Galo • 88367 CALM AN REF Luís Carlos Calceteiro Serafim • 34361 CTEN M REF João Carlos Fragoso Aires Martins • 88165 1TEN AN REF Hélder Figueiredo de Almeida • 633660 SMOR FZ-DFA REF António Duarte Garcia • 3265 SMOR A REF Simão Pereira de Sousa • 26966 SCH M REF Carlos Maria Guerreiro Alves • 309653 SAJ CM REF Luís Manuel Teixeira • 47369 SAJ CE REF António Domingos Castanho Vaz • 184046 SAJ E REF José Augusto da Costa Alves • 380355 1SAR B REF Manuel Guilherme dos Santos Ferreira D'Oliveira • 520558 1SAR CM REF José Falé Capucho • 251057 CAB M REF José Farinha • 236855 CAB CE REF Amadeu de Oliveira Teixeira.

**novidade**

**DESCONTO 5%**

**BILHETEIRA ONLINE**

bilheteiracultura.marinha.pt

MARINHA | CulturaMAR

**ESCOLHER POR DATA**

DOM	SEG	TER	QUAR	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

**ESCOLHER POR LOCAL**

- MUSEU DE MARINHA
- PLANETÁRIO DE MARINHA
- AQUÁRIO VASCO DA GAMA
- FRAGATA D. FERNANDO S. GLÓRIA

**SESSÕES DO PLANETÁRIO DE MARINHA**

- CAPITÃO SINHOS
- PEÍDOS E BILHÕES NO CÉU
- A OLHAR PARA O CÉU
- DE CLASSE DA MARINHA
- FANTASMA DO UNIVERSO

**QR CODE**



# MEMÓRIAS DO TEJO

A Revista da Armada vai iniciar no próximo mês uma nova rubrica dedicada à pintura designada **Memórias do Tejo**.

Neste novo espaço pretende-se dar a conhecer através do olhar do artista plástico hiper-realista documental **Abraham Levy Lima**, os navios de outros tempos que marcaram uma época áurea da nossa história marítima como também da nossa Marinha. Num tributo aos Grandes Mestres da Pintura Clássica, com um rigor e uma precisão rica de detalhes, o mar é representado com um realismo impressionante, destacando a sua força, movimento e vastidão.

A Marinha Portuguesa desempenhou um papel central nas viagens, utilizando caravelas e galeões para explorar rotas, navegar por mares nunca antes navegados e dessa forma consolidar a supremacia naval. Lisboa destacou-se como um porto de grande importância estratégica, impulsionando a economia e a influência mundial de Portugal, posicionando o país no coração da história global e na construção do mundo moderno.

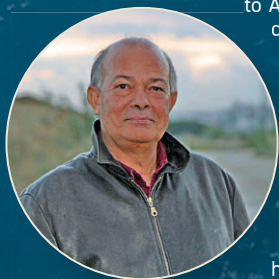
O oceano não é apenas um cenário, mas sim o protagonista nas suas obras, refletindo a grandeza e a imprevisibilidade que definiram a era das navegações em alguns dos momentos mais significativos da Marinha mais antiga do mundo.

Com os seus navegadores e feitos, a Marinha Portuguesa moldou a identidade de Portugal que se funde com o caráter mitológico da identidade nacional. As trocas culturais, económicas e científicas fomentadas pelas viagens atlânticas foram um precursor da atual globalização.

*"Ao contrário de outros países como os Países-baixos ou mesmo a vizinha Espanha, são muito poucos os artistas, em especial os pintores, que trabalham temas militares, incluindo temas navais, e os poucos que o fazem, fazem-no recorrendo mais à imaginação e à especulação, o que resulta em representações com pouco rigor. Não é o que ocorre nestas interessantes representações de navios e episódios navais, em que o autor tenta dar, sempre que possível, o máximo rigor aos seus quadros. Esse rigor e o seu traço inconfundível, são os responsáveis por prender, da mesma forma, a atenção de curiosos e de especialistas".*

**Augusto António Alves Salgado**  
CMG  
Diretor do Museu de Marinha

## ABRAHAM LEVY LIMA



Abraham D'Israel Levy Lima nasceu no sítio de Lagedos, na ilha de Santo Antão, Cabo Verde, em março de 1948, no seio de uma família que já vai na segunda geração de artistas plásticos, rica em idiossincrasias, o que os distingue num exercício de particular excelência e único no mundo das artes plásticas, um marco incontornável, assina Abraham Lima.

Um homem de espírito renascentista, que segue a sua vocação pelas artes plásticas, expondo um pouco por todo o mundo com o lema *Opus artificem probat*, em gratidão para com as tradições dos Grandes Mestres das Artes, buscando acrescentar mais um grão de areia nessa profunda herança cultural. Todas as obras aqui apresentadas são documentos históricos originais fruto da mais aprofundada pesquisa, com as devidas certificações de autenticidade.

[abrahamlima@gmail.com](mailto:abrahamlima@gmail.com) | [facebook.com/abrahamll](https://facebook.com/abrahamll) | [instagram.com/abraham\\_levy\\_lima/](https://instagram.com/abraham_levy_lima/)



# NAUS de PEDRA em LISBOA



Situada no:

Beco do Forno da Galé, Lisboa

